

CanaOnline®

Dezembro • 2017 • Nº 49

Tem mais grãos no canavial

**Amendoim, soja e milho conquistam mais espaço
nas áreas de renovação de cana-de-açúcar**

COMECE 2018 COM O INVESTIMENTO EFICIENTE.



Falou em soluções tecnológicas em pneus para segmentos agrícola, florestal, industrial e OTR, falou em ATX. Além de suporte técnico, consultores especializados e os melhores produtos, temos, ainda, **condições especiais para contratos fechados ainda este ano.**

Comece 2018 com o pé direito e os melhores pneus.



16 3505-3200
vendas@atxdobrasil.com.br

atxdobrasil.com.br

Quem disse que no canavial só tem cana???



A diversidade é cada vez maior no mundo da cana-de-açúcar, há espaço para animais, plantas, nascentes, pessoas, máquinas e lavouras como crota-lária soja, amendoim, feijão, milho...

Aliás, o cultivo de grãos em áreas de renovação de cana não é mais visto apenas por seus benefícios agrônômicos, mas como um negócio. É o que retrata a matéria de capa desta edição: **Tem mais grãos no canavial.**

Boa leitura e muita fartura em 2018!



Luciana Paiva
luciana@canaonline.com.br



CAPA

Tem mais grãos no canavial

Tendências

- Lei Complementar nº 160/2.017 – Será esse o marco do fim da Guerra Fiscal?



Mecanização

- Desmontar colhedora de cana é coisa do passado

Economia

- Menor endividamento não é sinal de recuperação do setor

Coluna Pecege Custos

- Contextualização da safra 2016/17 na região Nordeste

Fitotécnico

- Micro na formulação, macro nos resultados
- Canavial não fechou e abre espaço para as plantas daninhas



Gestão Agro

- MPB: viável para pequenos ou grandes?

Qualidade da Matéria-Prima

- Novo programa de manejo para maturação eleva a qualidade e a produtividade do canavial, indicam pesquisas

Cana Substantivo Feminino



- Rose Guerra se rende ao "ofício" de ajudar a transformar vidas



CanaOnline[®]

Editora

Luciana Paiva
luciana@canaonline.com.br

Redação

Adair Sobczack
Jornalista
adair@canaonline.com.br

Andréia Vital
Jornalista
andrea@canaonline.com.br

Leonardo Ruiz
Jornalista
leonardo@canaonline.com.br

Renato Anselmi
Jornalista
renato@canaonline.com.br

Marketing

Regina Baldin
regina@canaonline.com.br

Comercial

comercial@canaonline.com.br

Aproveite melhor sua
navegação clicando em:



Vídeo



Fotos



Áudio



Link

Editor gráfico

Thiago Gallo

Entre em contato:

Opiniões, dúvidas e sugestões sobre a revista
CanaOnline serão muito bem-vindas:
Redação: Rua João Pasqualin, 248, cj 22
Cep 14090-420 – Ribeirão Preto, SP
Telefones: (16) 3627-4502 / 3421-9074
Email: luciana@canaonline.com.br

www.canaonline.com.br

CanaOnline é uma publicação
digital da Paiva & Baldin Editora



Paiva & Baldin
EDITORA

Lei Complementar nº 160/2.017 – Será esse o marco do fim da Guerra Fiscal?



Ana Malvestio¹ e Leonardo Pelis²

A publicação da Lei Complementar nº 160/2.017 (LC 160/2017), em 8 de agosto de 2017, aqueceu as discussões no meio empresarial sobre a

possibilidade de representar o fim da famosa Guerra Fiscal entre os Estados.

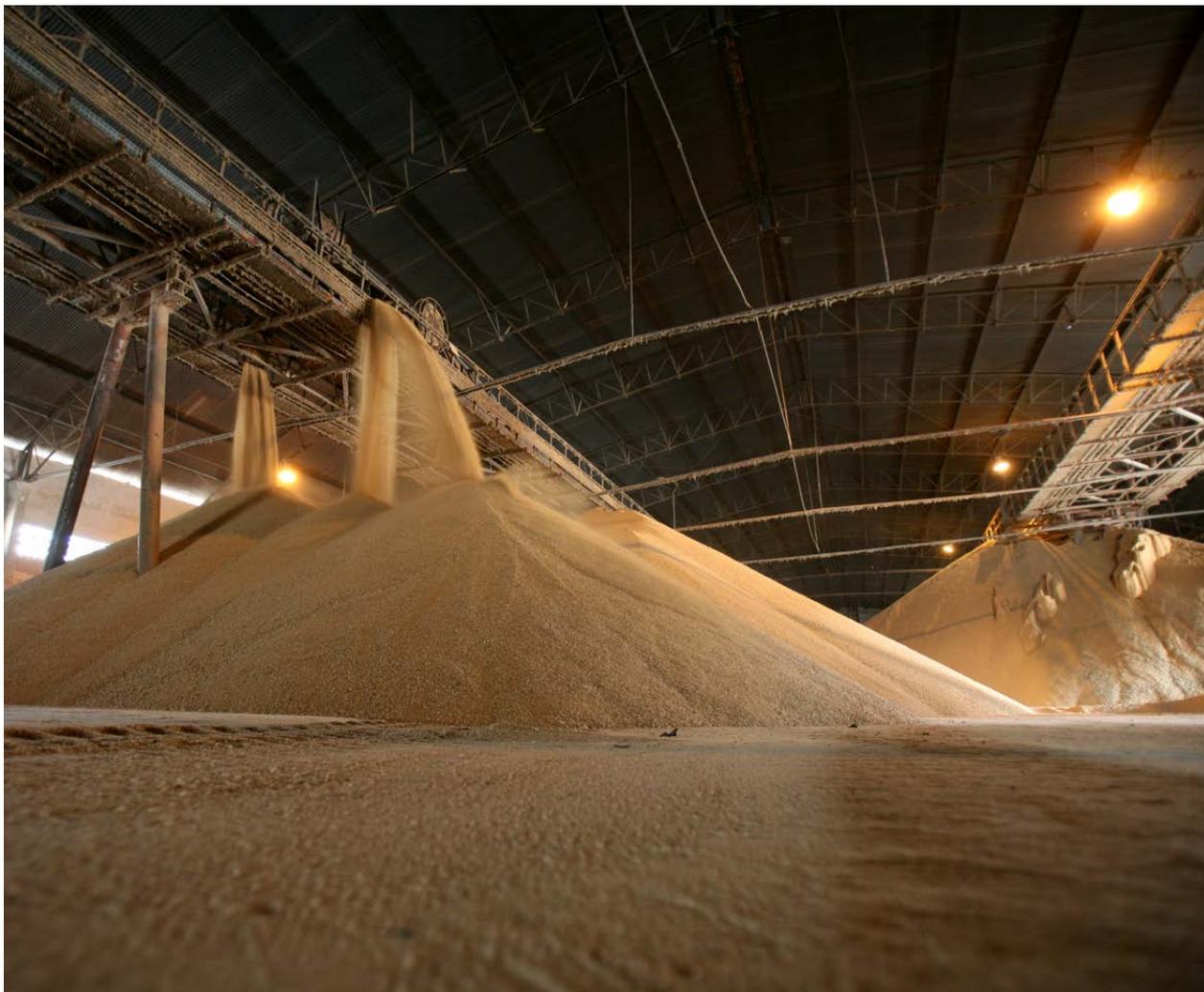
A antiga prática de concessão unilateral de incentivos fiscais por uma unida-

de federada sem a devida aprovação do Conselho Nacional de Política Fazendária (Confaz) foi uma ferramenta muito utilizada pelos Estados para atrair empresas e, conseqüentemente, investimentos para o seu território. O impacto direto dessa prática para os contribuintes é a insegurança quanto à utilização desses benefícios, uma vez que, apesar de serem válidos no Estado onde foram concedidos, se julgados inconstitucionais, este Estado deverá cobrar o imposto que foi anteriormente desonerado. Além disso, as demais unidades federadas, sentindo-se

prejudicadas, costumam invalidar os créditos fiscais apropriados em face do incentivo não ratificado.

Assim, desde a instituição do ICMS, essa política traz às empresas voltadas ao agrusiness grande risco e insegurança jurídica.

Nesse particular, a LC 160/2017 introduziu normas mais flexíveis para perdoar dívidas provenientes de invalidações dessa natureza, além de restabelecer benefícios fiscais do ICMS às unidades federadas, permitindo a elas, por tempo limitado, manter os investimentos trazidos



A Lei trouxe para o setor sucroenergético, o prazo de 15 anos para ser usufruídos os benefícios já existentes

a seu território pelos referidos incentivos.

Especificamente sobre a concessão de benefícios fiscais, a LC 160/2017 possibilita aos Estados e ao Distrito Federal celebrarem um convênio que permite tornar válidos os benefícios fiscais concedidos unilateralmente e prorrogá-los, além de perdoar os débitos fiscais que os contribuintes têm junto aos fiscos estaduais em razão do aproveitamento desses incentivos. Cumpre frisar que o perdão das dívidas e a convalidação dos benefícios já concedidos apenas serão efetivados se o referido convênio for publicado até o início de fevereiro do próximo ano.

A Lei trouxe para o setor sucroenergético, o prazo de 15 anos para ser usufruídos os benefícios já existentes, sendo que os destinados às operações interestaduais com produtos agropecuários, in natura, perdurarão por apenas três anos.

Transparência é outro aspecto da LC 160/2017 de grande relevância aos contribuintes, visto que os Estados devem publicar em seus diários oficiais todos os atos concessórios de benefícios fiscais que devem ser validados. Todos os incentivos publicados pelas unidades federadas estarão à disposição da população para consulta no Portal Nacional de Transparência Tributária.

Ainda tendo em vista a transparência e, adicionalmente, o tratamento igualitário e a livre concorrência entre contribuintes, a LC 160/2017 autorizou os

Estados a conceder às empresas de outros segmentos dentro de seus limites territoriais condições semelhantes às aquelas concedidas a contribuintes das atividades listadas na LC 160/2017. Além disso, as unidades federadas poderão aplicar em seu território os incentivos concedidos por outros Estados da mesma região geográfica.

Aspecto que gera certo desconforto na mencionada Lei é em relação às sanções cabíveis às unidades federadas que, após publicados os benefícios fiscais que foram validados, virem a conceder outros incentivos unilateralmente. Consta-se que as penalidades são as mesmas vigentes no passado e que nunca foram cumpridas.

Assim, ainda que a LC 160/2017 possua aspectos que possam não levar à extinção da Guerra Fiscal, importante reconhecer que ela representa um passo muito importante para garantir maior transparência e segurança jurídica para o setor sucroenergético, dentre outros do agronegócio brasileiro.



¹Sócia da PwC Brasil e líder de Agribusiness



²Especialista tributário da PwC

**Renovamos nossa marca.
Renovamos nossa energia.
Renovamos nosso compromisso.**

A partir de hoje, a Odebrecht Agroindustrial passa a se chamar **Atvos**. Mas o que isso significa? Na prática, é muito mais do que uma nova marca. É um jeito mais sustentável e renovável de pensar o amanhã de todos.

Nosso amanhã começou,
agora somos **Atvos**.



atvos.com

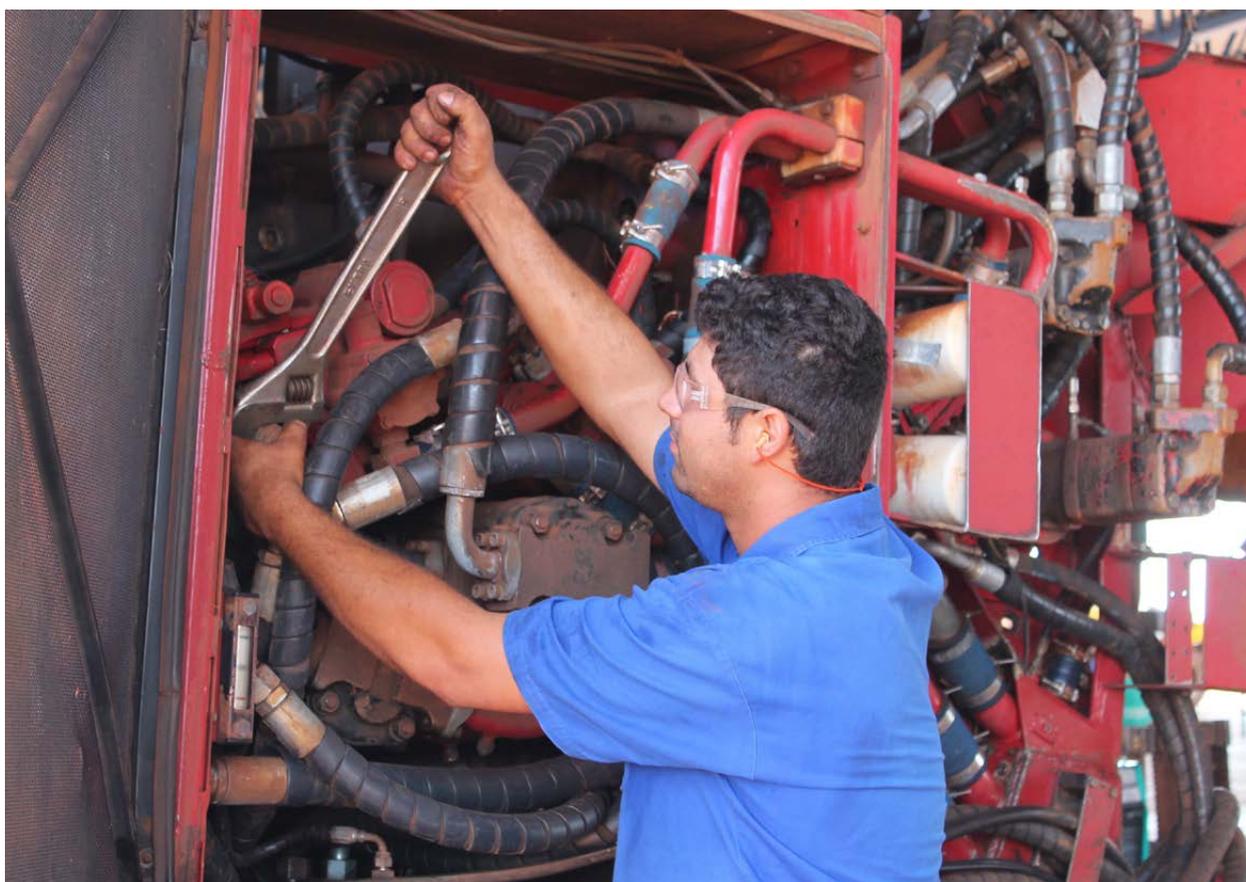
 /somosatvos

 @somosatvos

 Atvos

Desmontar colhedora de cana é coisa do passado

USINAS ADOTAM DIFERENTES ESTRATÉGIAS DE MANUTENÇÃO DE COLHEDORAS AO LONGO DO ANO, VISANDO COLOCAR FIM AO SUFOCO DE TER QUE REVISAR TODA A FROTA EM APENAS DOIS MESES



DIVULGAÇÃO DELLA COLETTA BIOENERGIA

Redução de custos e maior disponibilidade ao longo da safra também são pontos positivos decorrentes das manutenções preventivas

Leonardo Ruiz

No passado, época em que as safras canavieiras eram bem delimitadas - com início, meio e fim definidos -, as manutenções nas colhedoras, maiores responsáveis pela entrega de

matéria-prima à usina, eram realizadas exclusivamente durante as entressafras. Na ocasião, as máquinas eram totalmente desmontadas. Só permanecia o esqueleto. Entretanto, com o alongamento da safra e,

consequentemente, diminuição da entressafra, essa estratégia de manutenção tem ficado inviável.

Por conta disso, o foco das usinas nos últimos anos tem sido uma manutenção preventiva eficaz durante os meses de safra, visando, além de redução de custos e maior disponibilidade ao longo do ciclo, colocar fim ao sufoco vivido pelas equipes de manutenção que tinham o árduo trabalho de revisar completamente toda a frota em apenas dois meses.

É o caso da Usina São João, localizada no município paulista de Araras. A unidade preconiza a realização de boas preventivas durante a safra. Parece que a iniciativa apresenta bons resultados. De acordo com o diretor agroindustrial da empresa, Humberto Carrara Neto, a disponibilidade

LEONARDO RUIZ



Humberto Carrara: "Com as manutenções lineares nas colhedoras, minimizamos a manutenção de entressafra, fazendo com que ela seja a menos invasiva possível"

mecânica das colhedoras chegou a 90% este ano. Valor extremamente alto se levar em conta a idade média da frota: acima de cinco anos. "Meu foco é uma boa manutenção durante a safra visando dois objetivos principais, o primeiro deles é reduzir o número de paradas ao longo do ciclo. O segundo é minimizar a manutenção de entressafra, fazendo com que ela seja a menos invasiva possível. Nada comparado ao que fazíamos há 10 anos."

Para dar conta das preventivas sem que a máquina permaneça mais do que algumas horas parada, a Usina São João trabalha com estoque de diversos componentes, como elevadores, cortes de base, conjuntos redutores e rodantes, divisores de linha e extratores. Ao atingir uma certa quantidade de horas trabalhadas ou toneladas colhidas, essas peças são rapidamente substituídas. Por sua vez, as que estavam trabalhando vão para a oficina, são reparadas e ficam em stand by para serem utilizadas em futuras trocas.

Na Ferrari Agroindustrial, manutenção preventiva é feita no campo

As equipes de colheita da Ferrari Agroindustrial, de Pirassununga, SP, trabalham em dois turnos de 10 horas. As quatro horas restantes do dia são reservadas para manutenções preventivas nas colhedoras. Neste intervalo, uma equipe de manutenção vai até a frente de colheita e





Na Ferrari Agroindustrial, manutenções preventivas são feitas diretamente no canavial

executa os reparos básicos que poderiam parar a máquina, como uma troca de pá de hélice de extrator ou de facões ou extinção de algum vazamento. Agindo dessa forma, quando o operador chega para dar início a moagem, a máquina está revisada e pronta para trabalhar.

Atualmente, a Ferrari possui 30 colhedoras de cana, sendo 27 distribuídas igualmente entre as nove frentes de colheita. As três restantes ficam ociosas e prontas para entrar em operação caso surja alguma manutenção que levará mais de seis horas de atividade para ser concluída. O objetivo é o não comprometimento

da operação ou a demanda de entrega de cana na indústria.



LEONARDO RUIZ

Segundo Edmilson Gomes Leal, a Ferrari irá terminar o ciclo com uma disponibilidade mecânica de 88%

Wilson Agapito:
"As manutenções de oportunidade elevaram a produtividade diária de cada máquina em 30%"

O gerente de manutenção automotiva da Ferrari Agroindustrial, Edmilson Gomes Leal, explica que, além das manutenções diárias, existe também outros dois tipos: a de 250 horas e a de 500 horas. A primeira também é realizada no campo, cujo objetivo principal é a coleta de óleos lubrificantes dos componentes para condução de análises que irão nortear futuras manutenções. Já a segunda - 500 horas - é feita na oficina. Lá, uma equipe dedicada de mecânicos confere, um a um, cerca de 90 itens da colhedora. Essa operação leva de 24 a 48 horas.

"Através desse programa de manutenção preventiva, conseguimos, além de realizar um reparo mais conservador na entressafra, garantir que o equipamento trabalhe com eficiência durante toda a safra. Este ano, iremos terminar o ciclo com uma disponibilidade mecânica de 88%."

Usina Santa Isabel faz manutenção de oportunidade todos os dias

Assim como a Usina Ferrari, a Santa Isabel, localizada em Novo Horizonte, SP, também reserva quatro horas de cada dia para realizar manutenção nas colhedoras.



LEONARDO RUIZ

A empresa, que não possui máquinas sobressalentes, adotou essa estratégia para que a colhedora chegue ao final da safra bem conservada, fazendo com que a manutenção na entressafra não seja tão custosa ou pesada quanto as realizadas em anos anteriores.

O gerente de motomecanização da Usina Santa Isabel, Wilson Agapito, conta que as manutenções de oportunidade, como ele gosta de chamá-las, são realizadas há apenas duas safras, mas que os benefícios já puderam ser notados. "As colhedoras estão quebrando bem menos. Isso elevou a produtividade diária de cada máquina em 30%."

Segundo Agapito, muitas empresas optam por adotar a manutenção linear, que leva a colhedora para a oficina por 15 dias. Porém, para ele, o problema deste tipo de estratégia é a necessidade de se trabalhar com um alto número de máquinas reservas. "Por conta disso, não acredito que esta seja a melhor opção. No modo que estamos fazendo, temos obtidos resultados satisfatórios."



SJC Bioenergia foca em operador mantenedor e quer, já nas próximas safras, frentes de colheita sem mecânicos

Em dezembro de 2013, a SJC Bioenergia, de Quirinópolis, GO, deu início ao escopo de um projeto – que viria se tornar um programa da empresa no ano seguinte – com foco em operadores mantenedores. A ideia é que o próprio operador conseguisse realizar pequenas ou médias manutenções em seus equipamentos, como colhedoras, plantadoras e caminhões.

Antes de iniciar os treinamentos, a SJC Bioenergia definiu, junto aos departamentos jurídico e de Recursos Humanos da empresa, quais seriam os reparos que poderiam ser realizados pelos operadores a fim de evitar ações trabalhistas. Foi criado um check list de manutenção que incluía 14 ações autorizadas. Atualmente, a lista se expandiu e já conta com 81 itens.

O gerente de processos agrícolas da SJC Bioenergia, Carlos Rodrigues da Cunha Junior, conta que a primeira grande vitória deste programa aconteceu em janeiro de 2016. Na ocasião, foram escolhidos dois operadores para realizar a reforma com-



No Grupo SJC Bioenergia, operadores já estão aptos a realizar 81 ações de manutenção em suas colhedoras

pleta de uma colhedora. Os únicos auxílios obtidos foram hidráulicos, elétricos e de caldeiraria. “Sozinhos, eles reformaram a máquina do divisor de linha ao extrator secundário.”

Inicialmente cobrindo apenas colhedoras, o programa se expandiu e já abrange as frentes de plantio e caminhões. “Hoje, as frentes de colheita de mudas e de plantio já não possuem mecânicos. São os próprios operadores que realizam as manutenções.” A expectativa da empresa é que, já nas próximas safras, a figura do mecânico seja extinta também das frentes de colheita.

Tecnologia para a melhoria contínua da produtividade da cana

A **DMB** utiliza sua experiência adquirida em mais de cinco décadas de trabalho para desenvolver **novas tecnologias** e produzir equipamentos com o objetivo de obter e proporcionar aos seus clientes **maior produtividade e lucratividade** nos canaviais.

Para isso, aprendeu a ouvir as **necessidades dos produtores** e sempre trabalhou em parceria com entidades que pesquisam **novas tecnologias** para a cana, novas formas de plantio e cultivo, propondo **soluções confiáveis** para a sua cultura.

Exemplo disso são os **Azubadores** para cana soca, que proporcionam o fornecimento dos nutrientes, da forma mais adequada ao desenvolvimento e produtividade da cana.

Assim como os **Aplicadores de Inseticidas**, que permitem controlar as pragas com **total eficácia**.

E, a plantadora de cana **PCP 6000 Automatizada** que, apesar de líder no mercado, vem **continuamente incorporando melhorias**, como os novos sulcadores equipados com **dispositivos destorroadores**, que preparam o solo da forma ideal para a brotação dos toletes plantados.

Fale conosco e obtenha **maior lucratividade** com a sua cultura.

sp studio



Maior Controle no Plantio

Maior Produtividade por Hectare



Maior Uniformidade no canavial

Av. Marginal Francisco Vieira Caleiro, 700
Bairro Industrial - Sertãozinho/SP
Fone: +55 16 3946-1800
e-mail: dmb@dmb.com.br



www.dmb.com.br



A marca da cana



Menor investimento no controle de pragas, por exemplo, representa redução de custo, mas impacta negativamente nos resultados futuros

Menor endividamento não é sinal de recuperação do setor

** Marcos Françaia*

A dívida acumulada ao longo dos anos pelo setor sucroenergético continuará a ser a maior vilã nos próximos anos, impedindo investimentos

no campo, na indústria e em sistemas de gestão, e com isso, permanecendo a produzir resultados econômicos negativos para muitas empresas.

Muito tem se falado sobre a estabilização e até queda do endividamento nos últimos dois anos, estando atualmente em torno de R\$ 119 por tonelada, segundo os números divulgados pelo Rabobank do Brasil. Número esse, apurado a partir do portfólio das Cias. que operam com a instituição financeira e que representa uma amostra significativa do cenário.

Parte dessa diminuição do endividamento se deu em função da menor cotação do dólar, já que grande parte foi contraído na moeda americana, do que pela melhora do resultado operacional das empresas, o que de certa forma é uma recuperação que mascara a realidade do setor e que definitivamente o colocaria o numa linha efetiva e de menor risco para a equalização da dívida ao longo do tempo.

Em outro estudo, agora do Itaú BBA, fica clara a distância entre as empresas que estão obtendo bons resultados com o cenário atual de preços e as que estão se aprofundando ainda mais na dívida por não conseguirem as melhores margens, pois pela falta de crédito, não conseguem fixar melhor seus preços no mercado internacional e geralmente vendem com desconto no mercado interno e, ainda, compram muito mal. Esse segundo grupo, com um endividamento acima de R\$ 140 p/ton processada - que faz a média se elevar para R\$ 119 p/ton, preocupa o mercado financeiro e ainda está na mira para aquisição dos grupos mais estruturados.

Quanto a melhora dos resultados operacionais, algumas empresas acabam por apresentar números melhores. No en-



Parte dessa diminuição do endividamento se deu em função da menor cotação do dólar



tanto, como já foi alertado em outros textos e em nossos relatórios de monitoramento, muitos resultados "são forçados", quando deixam de realizar dispêndios com atividades necessárias para uma perfeita operacionalização, manutenção e até mesmo melhora dos rendimentos, visando atender as necessidades de caixa.

Gastos menores representam uma redução de custos e melhora o resultado operacional, dando a impressão de que estão fazendo ações corretivas planejadas e sustentáveis, quando na realidade são frutos de ações "forçadas", que impactam negativamente nos resultados futuros, com menor produtividade agrícola, menor rendimento industrial, bem como aumento nos custos logísticos.

Isso pode explicar o fechamento de unidades produtivas por falta de matéria-prima, enquanto observa-se grupos mais sólidos economicamente com produtividade média acima de 90 t/ha. Toda essa orquestração numérica, as vezes é planejada com a esperança de dias melhores, outras vezes é feita pela falta de controles eficientes.

Vale lembrar que o atual perfil do endividamento médio de R\$ 119 p/ton. é sustentável para grupos que estão abaixo dessa média. Aqueles outros que estão acima disso, precisarão de uma gestão eficiente e flexibilização das instituições financeiras ao longo do tempo, já que as perspectivas para a safra 2018/2019 não

são as melhores.

Mas nesse cenário, ainda é preciso chamar a atenção para as organizações que aparecem abaixo da média devido ao reflexo de uma ação pontual "forçada", como já dito. Assim, chega-se à conclusão de que menor endividamento não é sinal de recuperação, mas um risco de caráter exponencial, tanto para as Cias., quanto para o segmento e, assim, para a economia.

O setor sofrerá nos próximos anos uma grande transformação tecnológica que permitirá melhorar a produtividade e adequar os custos aos padrões das receitas, que tende a estabilizar, porém, será necessário muito capital para investimento nessas novas tecnologias.

Como o acesso a linhas de crédito continuará para poucos, o que veremos nos próximos anos é ampliação dos grupos mais estruturados economicamente, que assumirão o papel produtivo dos que não tiverem fôlego para chegar no paraíso.



***Marcos Françaia, diretor da MBF Agribusiness**

Dr. Cana

O plano de saúde
do seu canavial

SEGMENTOS DE SERVIÇOS À DISPOSIÇÃO



GESTÃO
AGRÍCOLA



COLHEITA
MECANIZADA



VARIEDADES
DE CANA



QUALIDADE DA
MATÉRIA-PRIMA



TRATOS
CULTURAIS



PLANTIO



AGRICULTURA
DE PRECISÃO



MANUTENÇÃO
MECÂNICA



SOLOS



DEFESA
FITOSSANITÁRIA



IRRIGAÇÃO



BIOMASSA



AMBIENTAIS,
AGRÁRIOS E
TRIBUTÁRIOS



ANÁLISES
NEMATOLÓGICAS
E DE SOLO



ATUALIZAÇÃO
E FORMAÇÃO
PROFISSIONAL

SAIBA MAIS

Quer entender como
funciona o Dr. Cana?

[CLIQUE AQUI E ASSISTA O VÍDEO](#)



www.drcana.com.br

ENTRE EM CONTATO



+55 (16) 3211 4770



contato@drcana.com.br

Tem mais grãos no canavial

SOJA GANHA ESPAÇO E SE JUNTA AO AMENDOIM – E ATÉ MESMO AO MILHO - COMO ALTERNATIVA PARA ROTAÇÃO COM A CANA-DE-AÇÚCAR. PRODUTOR BUSCA, NÃO APENAS BENEFÍCIOS AGRONÔMICOS, MAS TAMBÉM MAXIMIZAÇÃO DA RENDA

Leonardo Ruiz

Amendoinzais até aonde a vista alcança. Este é o cenário encontrado pelos paulistas da região de Ribeirão Preto neste final de ano. Alguns podem até pensar: “mas não tem apenas cana-de-açúcar no interior do Estado?”.

Sim. Mas tem amendoim também.

O cultivo ganha força neste período em função da entressafra do setor canavieiro. Cabe uma explicação. Por ser uma planta semiperene, a cana-de-açúcar tem prazo de validade, que gira, normalmen-

***Plantado em área de renovação
de canaviais, amendoim é
certeza de alta remuneração***



te, entre cinco e sete anos. Após este período, na maioria das vezes, a soqueira perde a produtividade ao ponto de não ser mais economicamente viável, levando à sua erradicação e a implantação de novo canavial mais produtivo.

Só que entre a colheita e o novo plantio sobra um período de aproximada-

mente seis meses em que a área fica vazia, e o produtor sem renda. É aí que entra o amendoim. Plantado, dê preferência, em outubro e colhido, no máximo, em até 150 dias, essa leguminosa só traz benefícios ao solo e ao bolso do produtor. Repondo as condições de fertilidade do terreno; ajuda a quebrar o ciclo de pragas, doenças

e plantas daninhas e promove a fixação de nitrogênio e a incorporação de matéria orgânica; além de gerar renda extra num período em que o caixa ficaria vazio.



BANCO DE DADOS INTERNET

Roberto Rossetti: "Nunca deixei a área vazia"

Na fazenda do produtor Roberto Rossetti, por exemplo, não tem conversa.

Em 100% da área de renovação de canavieira é feita rotação cana-amendoim. Uma prática que não é nem ao menos recente na propriedade. É realizada desde o tempo em que seu pai comandava o negócio, há mais de 20 anos. "Nunca deixei a área vazia", enfatiza.

O ato é tão rentável que apenas suas áreas de renovação não são suficientes para apaziguar seu desejo de plantar amendoim. Todos os anos, ele arrenda cerca de 450 hectares de outros produtores que optam por não fazer rotação em suas propriedades. Azar o deles. O agricultor conta que a renda proporcionada pela leguminosa é infinitamente superior ao que ele ganharia caso apenas arrendasse seu terreno para terceiros. Hoje, a produção de Rossetti beira as 220 sacas/ha, um número bastante considerável.



EWERTON/NEOMARC

Amendoim virou mina de ouro para 130 produtores cooperados da Coplana

Capital nacional do amendoim fica no interior paulista

Pacata e agradável. Essa é a cidade de Jaboticabal, distante cerca de 370 km da capital São Paulo. Embora o nome possa enganar, as jaboticabeiras se foram há tempos. Deram lugar aos amendoinzais.

terras jaboticabalenses: a Coplana – Cooperativa Agroindustrial. Em 2016/17, 18 mil hectares da leguminosa foram colhidos por 130 produtores cooperados, que alcançaram uma produção de 78 mil toneladas - 10% a mais do que na última safra -, com uma produtividade média de 170 sacas/ha. A produção gerou uma renda de



DIVULGAÇÃO COPLANA

Unidade de grãos da Coplana tem concepção moderna, com controle de umidade e temperatura

Hoje, o município – de 70 mil habitantes e cuja principal atividade econômica é a agricultura -, é considerado a capital nacional do amendoim.

O que era apenas uma alternativa ao plantio de cana acabou virando um negócio rentável para centenas de produtores locais. Prova disso é o fato de que a maior cooperativa de amendoim do país fica em

R\$ 200 milhões de reais.

O que antes era apenas um amontoado de terras ociosas por meses, se tornou uma mina de ouro para a Coplana, que passou a atuar fortemente na cadeia de produção da leguminosa junto aos seus produtores, disponibilizando, além de sementes de alta qualidade, uma equipe de engenheiros agrônomos e técnicos agrí-



Walter Aparecido Luiz de Souza: “Em rotação com a cana, [o amendoim] agrega muito valor ao meu negócio”

colas com larga experiência na cultura e um departamento comercial para os mercados interno e externo escoando a produção com o melhor preço possível. Resultado, hoje, o amendoim representa mais de 50% da renda da cooperativa.

Em 1994, a Coplana implantou em sua sede de Jaboticabal uma unidade de grãos, que conta com uma estrutura física completa para acondicionar o produto. O armazém de 21 mil m² tem concepção moderna, com controle de umidade e temperatura, o que permite a padronização do amendoim comercializado ao longo do ano todo.

Com a estrutura, o amendoim pode ser colhido no campo com umidade entre 18% e 20% e ser secado artificialmente na indústria. Além disso, os problemas de toxina, devido a falha na recepção, são diminuídos enormemente. Até então, para

que pudesse ser colhido, o produtor devia esperar que a umidade da leguminosa no campo atingisse 8%, o que representava grandes problemas, pois, até que esse valor fosse atingido, a lavoura ficava a mercê de intempéries climáticas, que poderiam vir a reduzir a produtividade.

Walter Aparecido Luiz de Souza é um dos cooperados da Coplana que utiliza a unidade de grãos para secagem e armazenamento de seu amendoim, cultivado anualmente nas áreas de renovação de seus canaviais. Ele conta que a estrutura permite antecipar a colheita. A leguminosa será colhida mais verde e os riscos decorrentes da exposição excessiva no campo serão eliminados. “Secando o grão na cooperativa, o controle de umidade será muito mais eficiente, me garantindo maiores produtividades.”

Anualmente, Souza planta 1000 hectares de amendoim em áreas de renovação de canavial, sendo que a média de produtividade é de cerca de 200 sacas/ha. “É uma cultura muito importante para mim. Em rotação com a cana, agrega muito valor ao meu negócio.”

Bom para o solo, para o bolso e até para a alma

Segundo dados da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB), a produção total de amendoim na safra 2016/17 ficou em 466,2 mil toneladas, alta de 14,8% em relação a 2015/16. No



mesmo período, a área cultivada aumentou em 8,1% - saindo de 119,6 mil hectares para 129,3 mil hectares - e a produtividade média em 6,2% - 3.606 kg/ha contra 3.396 kg/ha.

Esmagadora parte dos amendoins nacionais fica localizada dentro do Estado de São Paulo, detentor de 90,5% da produção nacional. Os principais polos de cultivo são as regiões da Alta Mogiana (Ribeirão Preto, Dumont, Jaboticabal e Serãozinho) e Alta Paulista (Tupã e Marília). Em sua maioria, são produtores canavieiros que cultivam o amendoim em rotação com a cana-de-açúcar. Estimativas apontam que 90% do cultivo dessa leguminosa esteja nas mãos dos canavieiros.

Mas, afinal, o que torna o amendoim

LEONARDO RUIZ



Valdeci Malta da Silva explica que, após a rotação com amendoim, o ciclo da cana será mais produtivo

tão atrativo para os produtores de cana? Quem explica é o gerente de origem da Coplana, Valdeci Malta da Silva. Correção e incremento da fertilidade do solo, através da fixação biológica de nitrogênio; redução da infestação das principais pragas e doenças da cana; utilização de herbicidas de diferentes mecanismos de ação em relação aos utilizados na cana visando o controle de plantas daninhas e a redução da população de nematóides, já que o amendoim não é hospedeiro do mesmo, são apenas algumas das vantagens. "Após a rotação, o ciclo da cana será mais produtivo, devido a todos os benefícios agrônômicos citados."

O amendoim não é bom apenas para o solo, é para ao bolso também. Além da receita extra no final do mês com a venda do amendoim, o produtor ainda amortizará os custos do plantio da cana naquela área. "Os benefícios agrônômicos, mesmo importantes, acabam sendo intangíveis para alguns produtores, que não enxergam o retorno no bolso diretamente. Já a renda líquida gerada - em torno R\$ 1.652,00/ha, podendo chegar a R\$ 1.980,00/ha - acaba sendo o fator decisivo na hora de optar pela rotação."

O presidente da Coplana, José Antônio Rossato Junior, observa que o amendoim tem se blindado da crise nacional, se mostrando "uma cultura que tem aguentado o desaforo da economia e propiciado alta remuneração".



Para José Antônio Rossato Junior, o amendoim tem se blindado da crise nacional

Ele destaca que os produtores de cana já não veem o amendoim apenas como um cultivo intercalar, mas como uma cultura independente, buscando o

máximo de produtividade possível. “Já é um negócio a parte. Alcança números tão bons de produção que fazem dele uma cultura tão rentável quando a própria cana-de-açúcar.”

Prova são os constantes investimentos dos agricultores – não mais apenas produtores canavieiros - em tecnologias para aumento da produtividade e qualidade da cultura. “Eles estão se tecnificando mais a cada safra. Como exemplo, parte deles já realiza a semeadura com tratores e máquinas próprios dotados da mais alta tecnologia, como piloto automático e dosadores de sementes.”

Soja ganha espaço e se torna opção ao uso do amendoim em áreas de renovação

Por muito tempo, o amendoim foi a escolha de muitos agricultores para ser

Produtores têm investido constantemente em novas tecnologias para o cultivo do amendoim





Soja disputa acirradamente com o amendoim a preferência dos canavieiros brasileiros

que pode, por exemplo, vender no mercado futuro; (4) Proximidade do porto, que reduz o frete e aumenta a remuneração;

rotacionado com a cana nas áreas de reforma. No entanto, nos últimos anos, uma crescente parcela vem optando pela soja, que tem ganhado força no cenário nacional e passa a disputar acirradamente com o amendoim a preferência dos canavieiros brasileiros.

Os motivos são vários. O pesquisador da Agência Paulista de Tecnologia dos Agronegócios (APTA), da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, Denizart Bolonhezi, enumera alguns deles: (1) No cultivo direto da soja é possível diminuir o tempo de espera até o novo plantio da cana. Com o amendoim, são necessários quase cinco meses do plantio à colheita. Já na soja, o tempo é de pouco mais de três meses; (2) Ampla possibilidade de venda do produto. O agricultor não fica atrelado a apenas um comprador; (3) Por ser uma commodity, quem regula seu preço é o mercado internacional, o que abre um leque de possibilidades de negociações para o produtor

Entretanto, Bolonhezi explica que há espaço para ambas as culturas, ressaltando que cada uma delas possui prós e contras que devem ser levados em conta pelo produtor. "O amendoim dá mais retorno, mesmo nos períodos em que a soja está com preços altos. Porém, ele é muito específico em relação ao maquinário utilizado. Em termos de benefício para o solo, as duas culturas são semelhantes. O amendoim, por ser uma planta vigorosa, acaba produzindo mais

LEONARDO RUIZ



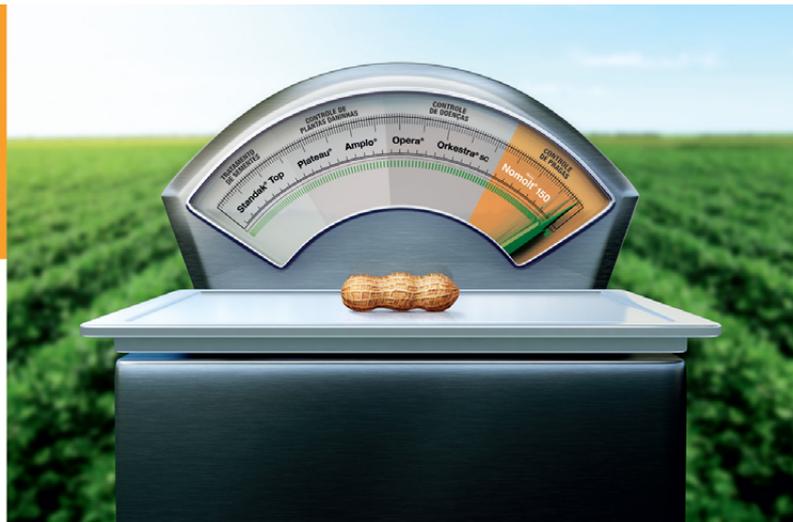
Denizart Bolonhezi explica que há espaço no setor canavieiro tanto para o amendoim quanto para a soja

CONTROLE DE PLANTAS DANINHAS NA CULTURA DO AMENDOIM

Por Rafael Factor

A cultura do amendoim possui uma área cultivada de aproximadamente 110 mil hectares concentrados, em sua maioria, em regiões do estado de São Paulo. À primeira vista, quando comparado a outros cultivos, podemos nos enganar e concluir que essa cultura tem uma área de plantio restrita e concentrada, porém é possível observar um esforço crescente das câmaras setoriais e das principais instituições de pesquisa em expandir os conhecimentos acerca desta leguminosa, buscando novos cultivares com características agrônomicas adaptadas a novas regiões do país. Outra particularidade do amendoim no estado de São Paulo é que o plantio ocorre em áreas de reforma dos canaviais, o que traz uma consequência especial: o amendoim herda o manejo que foi utilizado durante a condução das soqueiras da cana-de-açúcar. Ou seja, o produtor de amendoim, muitas vezes, não é capaz de criar um histórico das plantas daninhas que ocorrem nas áreas de plantio, pois a reforma dos canaviais é realizada de maneira difusa e geograficamente variável ao longo das safras.

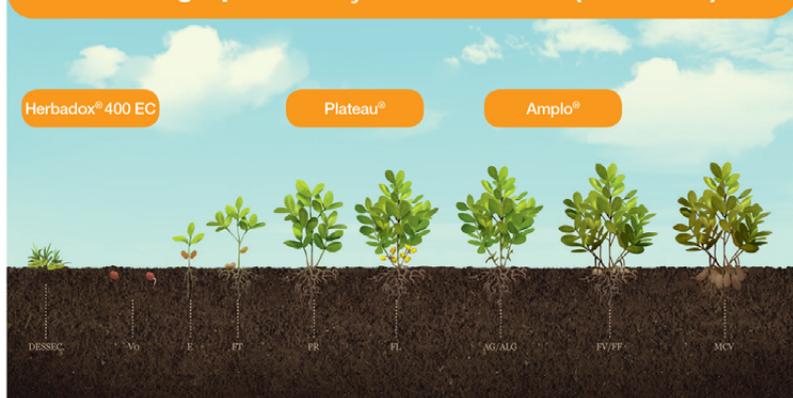
Com o advento da colheita mecanizada dos canaviais e, portanto, com a manutenção da palhada no campo, não é comum a prática de mobilização do solo ao longo dos anos, e quando o terreno é preparado para a semeadura do amendoim, temos um distúrbio causado no agroecossistema que acaba por estimular a germinação de um banco de sementes bastante diverso e vigoroso. Isso implica em lançar mão de um manejo de plantas daninhas tão logo seja feita a semeadura das áreas, afim de evitar a matocompetição inicial. Considerando os dados da literatura, a cultura do amendoim é capaz de conviver de 45 a 60 dias com a comunidade infestante sem que haja interferência em produtividade. A esse período dá-se a denominação de período anterior à interferência (PAI). Pela própria particularidade do amendoim ser cultivado em áreas de cana-de-açúcar sob manejo de colheita crua, observamos uma tendência de aumento das folhas largas, todavia é comum observar algumas espécies de gramíneas durante a condução do amendoim.



Por esses fatores, o manejo químico de plantas daninhas é o método mais amplamente disseminado e de maior sucesso no controle racional das principais invasoras que acometem as lavouras de amendoim. Para tanto, o produtor tem opção de iniciar o manejo anteriormente à semeadura (PPI), logo após a semeadura (“plante-aplique”) ou posteriormente à germinação do amendoim.

Nesse sentido, a BASF como empresa de pesquisa e desenvolvimento e com qualidade de portfólio para o cultivo do amendoim, possui ferramentas desenvolvidas para atender e auxiliar o produtor na resolução dos principais problemas enfrentados no dia a dia. Especificamente para o manejo das plantas daninhas, a empresa disponibiliza para o mercado os herbicidas HERBADOX® 400 EC, PLATEAU® e AMPLO®, que possuem encaixe em todas as fases de desenvolvimento da cultura, para o controle das principais espécies de folhas largas e estreitas. Abaixo temos o posicionamento da oferta de herbicidas da BASF para o cultivo do amendoim.

Tecnologia para Proteção do Amendoim (Herbicidas)



- **HERBADOX® 400 EC:** herbicida gramínico para aplicações em PPI – dose 3,0 a 4,0 l/ha.

- **PLATEAU®:** herbicida residual seletivo e de amplo espectro para aplicações em pós-emergência, referência para o cultivo do amendoim – dose 140 g/ha.

- **AMPLOR®:** herbicida latifolículo seletivo e de amplo espectro para aplicações em pós-emergência das plantas daninhas – dose 1,0 l/ha.

Uso exclusivamente agrícola. Aplique somente as doses recomendadas. Descarte corretamente as embalagens e restos de produtos. Incluir outros métodos de controle do programa do Manejo Integrado de Pragas (MIP) quando disponíveis e apropriados. Restrições temporárias no estado do Paraná na cultura do amendoim: Plateau® para os alvos *Emilia sonchifolia* e *Indigofera hirsuta*. Registro MAPA: Herbadox® 400 EC n° 015907, Plateau® n° 02298 e Amplor® n° 0508.

ATENÇÃO Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO. VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMICO.

Rafael Factor, Desenvolvimento Técnico de Mercado da BASF afirma que embora o amendoim seja capaz de conviver durante esse período com as plantas daninhas, é importante ressaltar que os dados da pesquisa alertam para uma redução de 86% em produtividade, caso não seja adotada nenhuma prática de combate às plantas invasoras. Ou seja, aguardar 45 dias para iniciar os métodos de controle seria inviável, ainda mais quando consideramos a baixa quantidade de moléculas disponíveis para um controle satisfatório das ervas. É importante valorizar as práticas complementares de controle (manejo integrado), escolhendo materiais com fechamento rápido das entrelinhas e com características fenotípicas que garantam maior aproveitamento dos recursos do meio. Poderíamos ainda utilizar métodos mecânicos de controle, porém, no caso do amendoim, teríamos uma interferência negativa caso a operação afetasse o desenvolvimento do ginóforo e das raízes e, portanto, prejudicando muito a produção das lavouras.

Em solos mais férteis e argilosos, a soja é mais interessante, pois provavelmente atingirá tetos produtivos mais altos

por hectare e, conseqüentemente, fixa uma quantidade maior de nitrogênio. Por outro lado, ele é bastante exigente, e exporta mais fósforo do que a soja.”

O pesquisador informa que o tipo de solo da propriedade também deve pesar na hora de escolher com qual cultura rotacionar a cana. “Em regiões de solos mais fracos, arenosos e suscetíveis a erosão, o produtor deve escolher uma cultivar de soja muito rústica ou não optar pela cultura, pois a tendência de frustração será grande. Neste caso, o amendoim seria a melhor opção. Já nas áreas de solos mais



ARQUIVO PESSOAL

férteis e argilosos, como na região de Ribeirão Preto, a soja é mais interessante, pois provavelmente atingirá tetos produtivos mais altos.”

Um dos pioneiros na rotação de cana-de-açúcar com soja no Brasil, ainda no final da década de 1970, foi o ex-ministro da agricultura Roberto Rodrigues em sua propriedade localizada no município paulista de Guariba. A Fazenda Santa Isabel possui tradição no cultivo da leguminosa e, nos dias de hoje, alcança uma produtividade média de 74,8 sacas/ha nas áreas de reforma de canavial. Um número bastante expressivo e difícil de ser alcançado em solos que, por anos, tiveram seus nutrientes exauridos pelo cultivo da cana-de-açúcar.

De acordo com o atual gestor da fazenda, Paulo Araújo Rodrigues, filho de Roberto Rodrigues, essa alta produtividade se deve aos solos férteis encontrados na propriedade, a adoção da mais alta tecnologia nas máquinas e implementos e utilização de sementes de boa procedên-

ARQUIVO CANAONLINE



“Seja pequeno ou grande produtor, a rotação em 100% da área faz todo o sentido”, aconselha Paulo Rodrigues

cia, além de adubação e tratos culturais bem-feitos.

Quando questionado sobre os motivos de preferir a soja em detrimento do amendoim, Rodrigues explica que o amendoim é uma grande cultura, com benefícios agrônômicos semelhantes aos da soja. "A vantagem é que, com a soja, conseguimos liberar a área para a cana mais rapidamente. Além disso, é uma cultura de alta liquidez, podendo ser vendida em qualquer lugar."

Porém, independentemente do cultivo escolhido, o produtor é enfático ao defender a rotação de culturas. "Seja pequeno ou grande produtor, a rotação em 100% da área faz todo o sentido. Não apenas pela renda extra num momento de cri-

se, mas pelos pontos de vista agrônômicos e de aproveitamento de mão de obra e recursos."

Produtores canavieiros apostam na soja para turbinar seus solos e maximizar a rentabilidade

Dados da CONAB apontam que a área plantada com soja em 2016/17 cresceu 2% em relação ao ciclo anterior, saindo de 33.251,9 mil hectares para 33.914,9 mil hectares. A produção avançou de forma mais significativa, de 95.434,6 mil toneladas para 114.095,8 mil toneladas no mesmo período. Alta de 19,5%. O maior estado produtor é o Mato Grosso, seguido do Paraná e do Rio Grande do Sul.



ARQUIVO PESSOAL

São Paulo é o oitavo maior produtor de soja do país



São Paulo é apenas o oitavo maior produtor nacional, com uma produção de 3.047,3 mil toneladas nesta safra, aumento de 8,5% quando comparado ao ciclo passado. A maior região produtora do estado é Assis, seguida de Ribeirão Preto. A diferença é que, na segunda, a soja está quase 100% nas mãos de produtores de cana-de-açúcar, enquanto que, em Assis, são produtores exclusivos da leguminosa.

DIVULGAÇÃO APROSOJA



Segundo Gustavo Chavaglia, 95% dos produtores canavieiros de Ribeirão Preto plantam soja em áreas de reforma de canavial

Para o presidente da Associação Brasileira dos Produtores de Soja de São Paulo (Aprosoja São Paulo), Gustavo Ribeiro Rocha Chavaglia, este fato demonstra a força da cultura como alternativa para as áreas de reforma de cana-de-açúcar. "A soja já vem tomando os canaviais. Não apenas em Ribeirão Preto, onde 95% dos produtores a utilizam para rotação, mas também

em outras áreas do Estado. Na região de Ituverava, por exemplo, a Usina Alta Mogiana é a maior fornecedora de soja dos armazéns."

Chavaglia afirma que, através da rotação com a leguminosa, o canavicultor consegue diversidade e otimização do recurso terra, gerando melhorias no solo, quebrando ciclo de pragas e doenças e agregando renda.

Embora seja presidente de uma associação de produtores de soja, Chavaglia é, por natureza, produtor canavieiro. Mas planta a leguminosa em áreas de renovação de sua propriedade, que totaliza 200 hectares na região paulista de Ituverava, e também em áreas vizinhas arrendadas de outros agricultores.

No ano passado, plantou 90 hecta-



ARQUIVO PESSOAL

Quando assumiu o negócio, José Odilon não quis mais arrendar sua terra para amendoimzeiros. Ele mesmo passou a fazer a rotação de culturas



Em sua fazenda, José Odilon usa a mais alta tecnologia

tem mais vida do que nunca. “A propriedade não para mais. Tem atividade o ano inteiro. Além disso, eu passei a entender de uma outra cultura que não apenas a

res de soja. Em uma das áreas, a produtividade foi de 85 sacas/ha enquanto que, na outra, o número foi um pouco menor: 70 sacas/ha. “Desde corrigido o solo e feito os tratos culturais adequados, é possível conseguir altas produtividades mesmo em solos canavieiros.”

A cerca de 100km da fazenda de Gustavo Chavaglia, encontramos outra propriedade, cujo produtor também aposta na soja para maximizar seus resultados. José Odilon de Lima Neto, presidente da Associação Rural Vale do Rio Pardo (Assovale), possui 550 hectares em Jardinópolis, SP. Na época em que seu pai controlava a área, os canaviais que iam para reforma eram arrendados para produtores de amendoim. Quando assumiu o negócio, José Odilon colocou fim a essa prática. Achava melhor rotacionar a cana ele mesmo. Só que não mais com amendoim. Mas com soja. “Não só pela renda, que é bem maior do que a recebida pelos arrendamentos, mas também pelos benefícios agrônômicos, que, na minha opinião, são melhores do que os do amendoim.” Ele destaca também que, agora, a fazenda

cana-de-açúcar.”

Desde que adotou essa prática, José Odilon planta anualmente, cerca de 100 hectares com soja nas áreas de renovação. A produtividade na última safra foi de 60 sacas/ha. Totalmente estruturado - com plantadeiras e colheitadeiras próprias -, o produtor confia na tecnologia para alcançar bons números de produção. A plantadeira, por exemplo, possui o que há de mais moderno no mercado, como controle de adubação e de profundidade e número de sementes, além de ser tracionada por um trator dotado de GPS, visando uma simetria perfeita no plantio.

“Através desses investimentos, a qualidade do meu plantio ficou muito melhor. Agora nem falhas eu encontro. Com isso, os resultados finais também são diferentes e bem melhores”, relata.

Um dos segredos da Usina Açucareira Guaíra para elevar a rentabilidade com a soja é o plantio direto sobre a palhada

Quem também tem conseguido bons números com a soja é a Usina Açuca-





Usina Açucareira Guáira planta, anualmente, 2000 ha de soja em áreas de renovação de canavial

reira Guáira, que não aposta todas as suas fichas na cana, mas também na leguminosa para dar um up em sua renda. Anualmente, a empresa, com sede no município paulista de Guariba, planta 2000 mil hectares de soja em áreas de renovação. A produtividade gira na casa das 60 sacas/ha.

A expertise da empresa com a soja remonta há décadas. Ocorre que a região em que está localizada é propícia ao cultivo. "Temos estrutura de recebimento próxima, além de mão de obra disponível, o que facilita o plantio e a colheita", relata o gerente agrícola da unidade, Lauro Marcos Aparecido Ivan.

O Gerente ressalta que, em momentos difíceis como os vividos atualmente, a rotação de culturas - ou sucessão, como é chamada na usina - só proporciona bene-

fícios. "Nós enxergamos a cultura da soja como extremamente lucrativa, pois entra dinheiro num período em que estaríamos na entressafra. Imagine nossa rentabilidade ao produzir cerca de 140 mil sacas de soja todos os anos."

O aumento na renda não é o único motivo que leva a Usina Açucareira Guáira a plantar dois mil hectares de soja anualmente, a redução nas infestações de plantas daninhas também pesa na decisão. "Pelo fato de ela ser transgênica e resistente ao glifosato, conseguimos fazer de uma a duas aplicações desse ativo, reduzindo o número de tigueras remanescentes de cana."

Visando constantemente melhorar a qualidade e produtividade da cultura, a empresa adotou, há alguns anos, a modalidade de plantio direto sobre a palha-

CONTROLE AS GRAMÍNEAS COM DUAL GOLD.

O herbicida em
que você confia.

Sem FITO na sua lavoura
e nas culturas vizinhas.

Use na semisseca e semiúmida.

Atravessa a palhada.

Dual Gold.

É assim
que se combate
as gramíneas
da cana.

 **DualGold®**

syngenta.

Informe-se sobre e realize o manejo integrado de pragas.
Descarte corretamente as embalagens e os restos de produtos.

ATENÇÃO Este produto é perigoso à
saúde humana, animal e
ao meio ambiente. Leia atentamente e siga
rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na
bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos
de proteção individual. Nunca permita a utilização
do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM
ENGENHEIRO AGRÔNOMO.
VENDA SOB RECEITUÁRIO
AGRONÔMICO.



c.a.s.a.
0800 704 4304

www.portalsyngenta.com.br

da da cana. Processo que, para o gerente agrícola da unidade, não é só melhor. “É muito melhor.” Ivan explica que uma das vantagens dessa técnica é a diminuição da possibilidade de erosão, em função de não mais haver remoção de terra. Outro ponto positivo é que, nesta modalidade, quase todas as operações são reduzidas, o que diminui o custo de preparo de solo em, pelo menos, 30%.

Coopercitrus lança projeto “Renova Soja” e busca provar que rotação aliada a Meiosi + MPB é uma excelente alternativa

Hoje, a Coopercitrus é mais cana do que citrus. Com sede no município pau-

lista de Bebedouro, é uma das maiores e mais bem organizadas cooperativas agropecuárias do Brasil. Seu nome pode remontar aos laranjais que tomam a paisagem daquela região, mas a citricultura já não é mais a cultura predominante da cooperativa. Perdeu o posto para a cana-de-açúcar, responsável por 70% do seu faturamento anual.

Por conta desse protagonismo, a Coopercitrus lançou este ano o projeto “Renova Soja”, cujo objetivo é fomentar o plantio da leguminosa na rotação com a cultura da cana, de modo a melhorar a rentabilidade do cooperado e aumentar a produtividade do canavial.

O gerente de contas da Coopercitrus, Marcelo Henrique Bassi, explica que a co-



Plantio direto da soja sobre a palhada da cana diminui o custo de preparo de solo em, pelo menos, 30%



Projeto “Renova Soja” busca fomentar o plantio da leguminosa na rotação com a cultura da cana

operativa quer levar ao produtor o modelo que proporciona o máximo de ganhos possíveis, que seria a rotação de cana com soja por meio do sistema de Meiosi (Método Interrotacional Ocorrendo Simultaneamente) com o uso de Mudas Pré-Brotadas de cana (MPBs). “Com a chegada das MPBs ao mercado, o sistema de Meiosi foi reintroduzido no meio canavieiro. Aliando esta prática à rotação de culturas, especialmente, à soja, o produtor só tem a ganhar.”

Segundo Bassi, um dos principais benefícios da utilização desse sistema é a redução dos custos de plantio do novo canavial. “Apenas com a Meiosi – deixando o espaço entre as linhas mães em pousio –, é possível reduzir os custos de plantio em R\$ 1460 reais por hectare. Agora, se colocarmos uma soja no meio, considerando uma produtividade final esperada de 50

sacas/ha, a redução total será de R\$ 2640 reais por hectare.”

Além desse benefício, Bassi destaca inúmeros outros decorrentes do plantio de soja com Meiosi + MPB: (1) Benefício dos mapas de sulcação para colheita, além de otimização da área; (2) melhor qualida-



Marcelo Bassi: “O produtor só tem a ganhar aliando a rotação de culturas ao sistema de Meiosi + MPB”

de e sanidade das mudas, evitando propagação de pragas, como o *Sphenophorus levis*; (3) Possibilidade de multiplicação e/ou introdução de novas variedades, (4) Redução do banco de sementes de plantas daninhas e de pragas na cana em função das pulverizações da soja; (5) Uso de menor estrutura para o plantio de cana; (6) Baixo risco de erosão; (7) Aumento da fertilidade de solo e da produtividade da cana; e (8) Receita direta com a venda da soja no mercado.

de soja no sistema Meiosi + MPB em áreas de renovação de canavial.”

Por saber que plantar soja exige, além da dedicação, investimento, a Coopercitrus criou uma condição exclusiva para a aquisição de todos os insumos necessários para o plantio e condução da lavoura através do Barter, ferramenta onde se trava o valor da soja que será colhida como moeda para a compra desses produtos. “A cooperativa vai até os cooperados mostrar os benefícios desse sistema,



Colheita de soja em área de Meiosi com cana

Bassi destaca que, por meio do “Renova Soja”, mesmo os iniciantes no plantio da leguminosa conseguirão conquistar grandes resultados, já que a cooperativa disponibilizará todo o aporte necessário para isso, que inclui uma equipe de técnicos capacitados, insumos e sementes de qualidade, além de toda uma estrutura de armazenagem. “Desde o início do projeto, já foram plantados cerca de 1300 hectares

oferece uma opção de Barter antecipada pela produção que ele tiver em soja para dar início ao investimento na compra de sementes, insumos, adubos e agroquímicos, de modo que vai saber, de uma forma muito clara, o quanto está gastando de soja e, dentro de uma expectativa média de produção, o quanto vai colher e ter de receita adicional”, detalha o gerente de contas da Coopercitrus.

FACE ID

Agora, a tecnologia mais moderna de acesso está disponível no seu APP Sicoob.

Você que possui um iPhone X já pode acessar o APP Sicoob por meio do Face ID, o reconhecimento biométrico da face. Basta ativar a opção na tela de login e utilizar a câmera frontal. Prático, né? É o Sicoob sendo pioneiro na utilização de novas tecnologias para te atender cada vez melhor. Afinal, tá na cara que a gente valoriza a inovação.



No Mato Grosso do Sul, palavra de ordem é integração

Durante 31 anos, José Trevelin Júnior trabalhou em usinas de açúcar e etanol nos estados de São Paulo e Mato Grosso do Sul. Em grande parte desse tempo, atuou como gerente agrícola. Buscando novos desafios, há quatro anos se mudou para Dourados, MS, a fim de criar uma

a nova cultura. Resultado: aos 57 anos de idade voltou as salas de aula e se especializou em ILPF (Integração Lavoura Pecuária Floresta) na Fundação MS. Hoje, o profissional atua, não somente com fornecedores de cana, mas também com produtores exclusivos de grãos. "Além de consultoria técnica, temos um viés de gestão e negócio. Eu não vendo uma cultura ou outra.

ARQUIVO PESSOAL



Devido a demanda dos produtores canavieiros, José Trevelin Júnior passou a dar consultoria também em lavouras de grãos

consultoria de gestão agrícola, que ajudasse produtores e usinas a ampliar suas competitividades.

Com tanta experiência na bagagem, o trabalho não seria muito difícil. Mas Trevelin não contava com o fato de que os canavicultores locais começariam a se interessar pela soja para cobrir suas áreas de renovação e que fossem demandar seus serviços de consultoria também para

Auxilio o agricultor a fazer a gestão estratégica de sua propriedade."

Trevelin conta que a soja tem sido escolhida pelos fornecedores canavieiros devido a sua tradição na região, principalmente em Dourados. "É o grande negócio dessas bandas. Por conta disso, o produtor tem acesso fácil a tecnologias, suporte, venda e logística." De acordo com ele, grande parte dos canavicultores já adotou

a leguminosa em suas áreas de reforma. “É uma vertente que tem crescido muito, pois o agricultor busca otimizar ao máximo seu resultado por área. Ou seja, através da rotação com soja, ele consegue diminuir os riscos inerentes a monocultura e maximizar seus lucros.”

Embora até aqui temos chamado de rotação de culturas, o consultor ressalta que, ao menos no Mato Grosso do Sul, a palavra correta é integração. “Os produtores locais não têm pressa de voltar a plantar cana no ano seguinte. Às vezes, ele cultiva dois ou três anos de soja, para então voltar a implantar um canavial. Ou, nem ao menos volta a canavicultura em seguida. Prefere colocar a pecuária antes.”

ARQUIVO PESSOAL



José Trevelin Jr.: “[A rotação] é uma vertente que tem crescido muito, pois o agricultor busca otimizar ao máximo seu resultado por área”

Como motivo, Trevelin explica que o agricultor segue a onda do mercado, produzindo o que lhe dará maior rentabilidade. “Vai girando a área, por isso não falamos em rotação, mas em integração entre lavoura, cana e pecuária. Não tem amarração a uma única cultura. Produz o que entrega maiores resultados, visando minimizar riscos e aumentar os benefícios técnicos.”

Um dos exemplos sul mato-grossenses de integração vem da fazenda de Artur Falcetti, dono de 5500 de terras – sendo 1000 ha de canaviais - na região de Maracaju. Este ano, o produtor erradicou 100 ha de cana-de-açúcar que estavam no nono corte e enviou para a reforma. Detalhe. O novo canavial só será implantado daqui a três anos. Durante esse período, as culturas de soja e milho (inverno) serão alocadas na área.

“Faço essa opção para recuperar o solo que, por nove anos, foi exaurido de seus nutrientes pela cultura da cana. Acredito que apenas um ano com o plantio de grãos não seria suficiente para corrigir os índices biológicos a níveis aceitáveis.”

Milho em rotação com cana é alternativa para produção de ração e áreas de cana de ano

Na corrida pela preferência dos canavicultores, o milho corre por fora. A parceria cana-milho até existe, mas é restrita ao interesse do empreendedor. Algumas propriedades, por exemplo, o utilizam



No Mato Grosso do Sul, produtores não tem pressa de voltar a plantar cana

com o objetivo de produzir ração para seu confinamento de gado. Caso utilizassem soja ou amendoim, teriam que vender sua produção para comprar ração.

O pesquisador da APTA, Denizart Bolonhezi, explica que, caso seja adotada essa opção, o nitrogênio que deixará de ser fixado no solo, pelo não uso da soja ou amendoim nas áreas de renovação, poderá ser fornecido utilizando o esterco do confinamento. "O produtor consegue produzir um fertilizante orgânico. Dessa forma, o déficit de nitrogênio no solo não será tão alto."

Embora não fixe nitrogênio, o pesquisador ressalta que a utilização do milho em parceria com a cana também tem suas vantagens: (1) Em solos mais arenos

os - com grande vulnerabilidade a erosão - pode contribuir em termos de conservação, pois vai deixar maiores quantidades de palha na área do que as outras duas culturas; (2) Algumas variedades de milho transgênicas podem ter efeito supressor na broca da cana (*Diatraea saccharalis*), que também é uma praga da cultura.

Outra possibilidade que se abre para o milho é nas áreas que receberão cana-de-ano. Como explicado no início, da colheita da cana até o plantio da cana-de-açúcar existe uma janela de cerca de seis meses em que a terra fica ociosa. No caso da cana-de-ano, essa janela é ainda maior, pois o plantio do novo canavial será feito,

não mais em março, como na cana de 18 meses, mas em agosto. Neste caso, após a colheita da soja no início do ano, o produtor

O milho, por ser da mesma família da cana, não quebra o ciclo de pragas e doenças



entraria com milho safrinha, criando renda naquela terra até que o canavial de cana-de-ano seja implantado dali a seis meses.

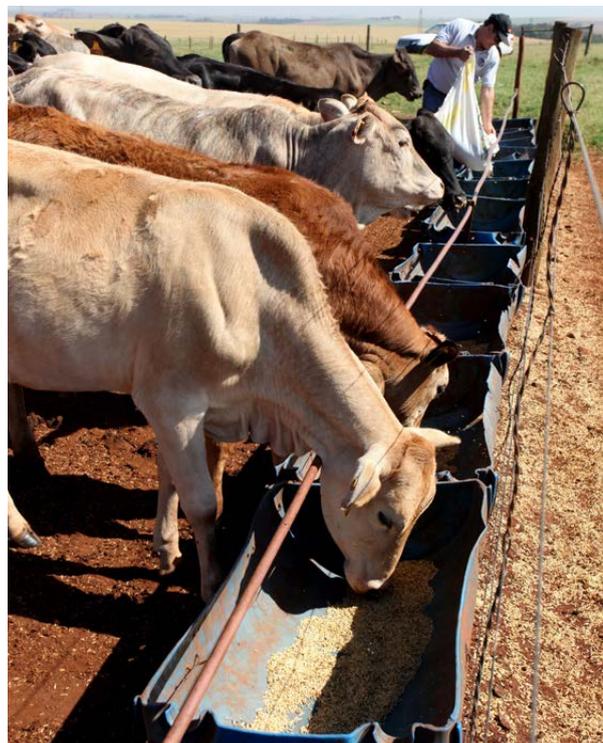
É o caso do produtor Pedro Luís Guerini, detentor de 900 hectares de terras na região paulista de Porto Feliz. Este ano, uma área de 200 hectares - destinada ao plantio de cana-de-ano - recebeu milho safrinha após a soja. A produtividade colhida foi de 130 sacas/ha. "O milho, por ser da mesma família da cana, não quebra o ciclo de pragas e doenças. Mas isso não é um problema, porque já quebrei esse ciclo anteriormente com a soja. O que ele proporcionará é uma matéria orgânica alta e renda extra."

Embora o preço do milho não esteja agradando – ano passado foi negociado a R\$ 50 a saca e, este ano, estava cotado na faixa de R\$ 20 -, Guerini afirma não

LUCIANA PAIVA



Milho safrinha também pode ser plantado em áreas de reforma de cana-de-ano



DIRCEU PORTUGAL

Produzir milho nas áreas de rotação de cana é excelente alternativa para os criadores de gado

estar preocupado. Com custo de produção próximo a R\$ 23 por saca, a solução encontrada por ele para não perder dinheiro foi pagar uma cooperativa para estocar o produto que foi colhido. A esperança é que os preços melhorem num futuro próximo e o investimento seja recuperado. "Como não sobrevivo exclusivamente do milho, dá para seguir plantando, já que meu objetivo é agregar qualidade a cana-de-açúcar."

E, mesmo com os preços em baixa, o produtor se recusa a tratar o milho levemente. Pelo contrário. Faz um arroz com feijão mais do que bem-feito. Até mesmo com três aplicações de fungicida na área. Coisa que quase ninguém faz. "Como o preço está ruim, a maioria do pessoal trata o milho de qualquer jeito. Eu não. Trato ele muito bem", finaliza.



Contextualização da safra 2016/17 na região Nordeste

A produção de cana-de-açúcar no Nordeste, assim como em todo Brasil, enfrentou safras com rentabilidades negativas por razões que variam desde clima até conjuntura macroeconômica. Entretanto, a elevação de preços do ATR na safra 2015/2016 manteve-se na safra 2016/2017, o que possibilitou a obtenção de receitas. Assim, os produtores de cana-de-açúcar puderam reinvestir nos canaviais, buscando iniciar um ciclo de maior produtividade e rentabilidade.

A produtividade média para a safra foi aproximadamente 2% maior quando comparada com a da safra anterior. Apesar do clima favorável no início da safra 2016/17, não houve um aumento marcante da produtividade, resultado do déficit hídrico que afetou os canaviais no restante da safra.

Em relação à qualidade da cana própria, houve aumento de 5,8%, chegando ao valor de 138,65 kg de ATR/t, se comparada às últimas nove safras, a qualidade da cana está acima da média para a safra 2016/17. Com relação à produção de ATR (tATR/ha), houve um aumento de 7,5% em relação à safra passada.



Juliano Mantelatto
julianomantelatto@pecege.com



João Marcos
joaomoraes@pecege.com

No que diz respeito à evolução do preço do ATR, observa-se um aumento de preço para a safra 16/17 em torno de 2,7% se comparado à safra anterior. Esse aumento, em conjunto com o discreto aumento de produtividade fizeram com que os desembolsos com a produção canavieira fossem pagos, sendo que a receita para a safra 2016/17 foi 10,4% acima em relação à safra 2015/16.

Dessa forma, além de cobrir os custos com a produção canavieira, o produtor está sendo remunerado, fazendo com que a sua situação financeira seja melhorada, possibilitando um melhor investimento no canavial.

Nesse sentido, maiores investimentos no canavial na safra 2016/2017 devem garantir níveis mais altos de produ-

MBAUSP ESALQ

INSCRIÇÕES ABERTAS

2º SEMESTRE 2017

AULAS E PROVAS
ONLINE*

CERTIFICAÇÃO
USP

GESTÃO DE NEGÓCIOS
MARKETING
GESTÃO ESCOLAR
AGRONEGÓCIOS
GESTÃO DE PROJETOS
VAREJO E MERCADO DE CONSUMO
GESTÃO EM COOPERATIVAS DE CRÉDITO
#VEMTAMBÉM

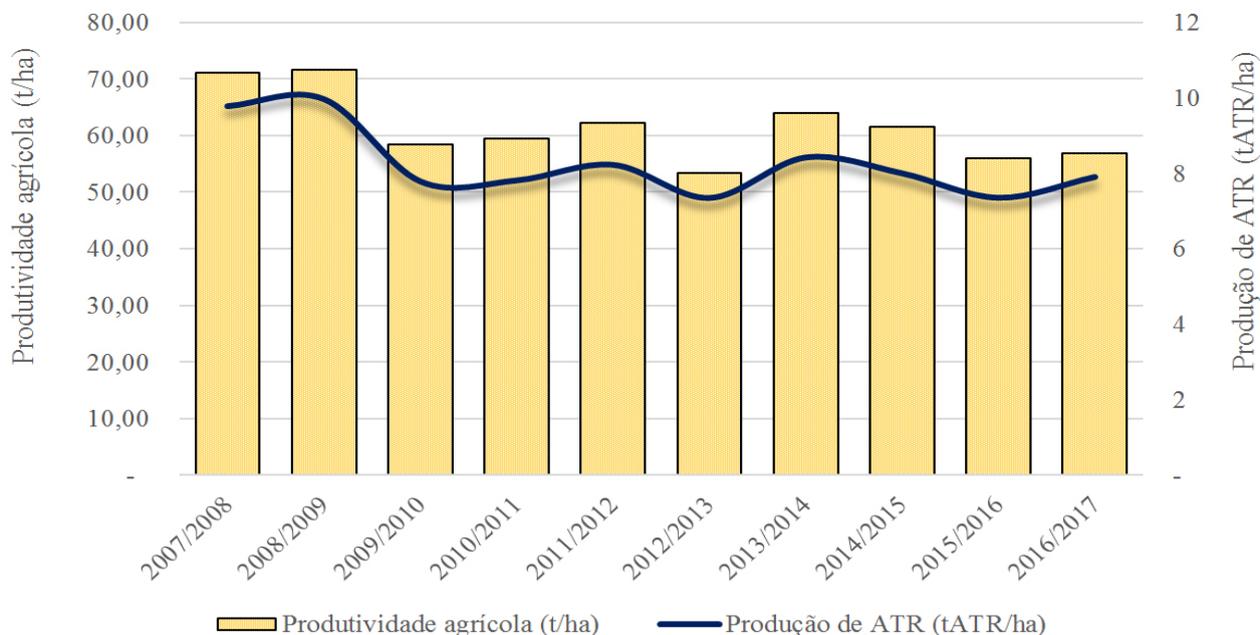
Pecege 





(19) 3375-4250   mbauspesalq.com
(19) 99948-4769   mbaesalqusp

*A última prova do curso (de qualificação) deverá ser feita presencialmente no *campus* da USP/Esalq, em Piracicaba (SP).

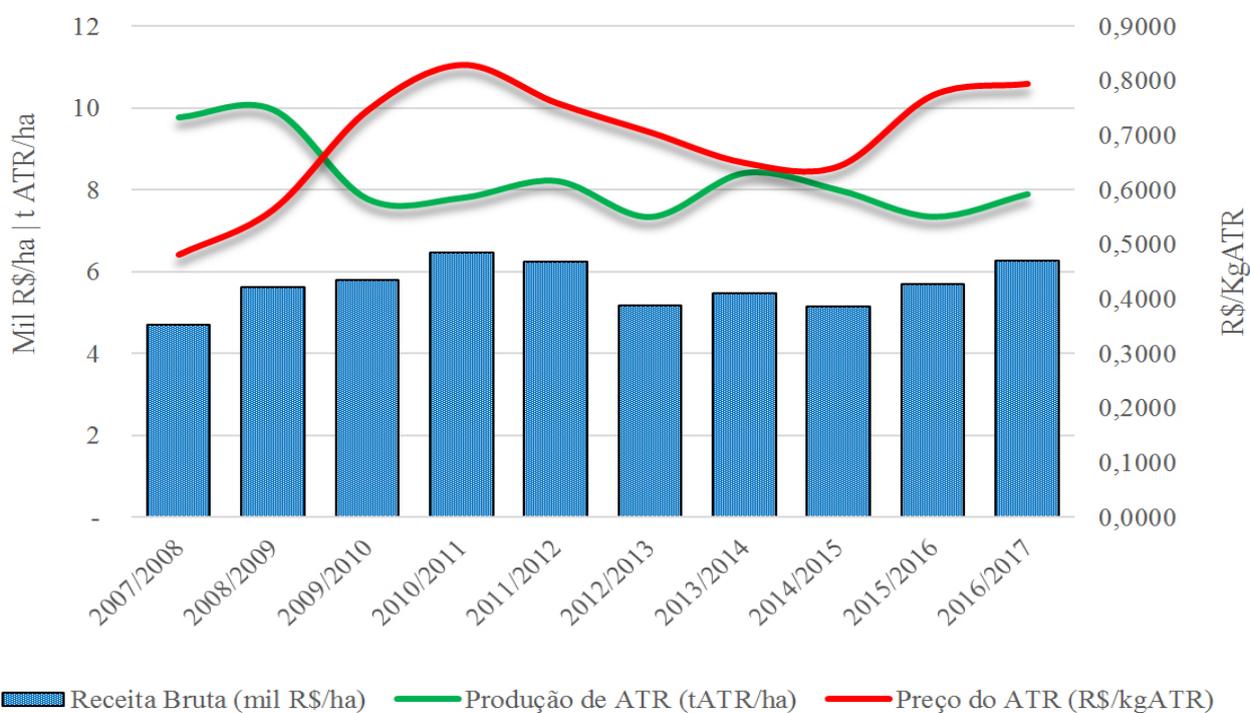


Nota: * Projeção

tividade dos canaviais na safra 2017/2018. Ainda, como a remuneração da cana-de-açúcar também permaneceu elevada na safra 2016/2017, espera-se para a safra 2017/2018 que a tendência de maior investimento no canavial seja mantida.

que a produção canavieira no Nordeste esteja em plena capacidade. Em outras palavras, é necessário que os produtores consigam manter uma boa rentabilidade nas próximas safras para continuar investindo no canavial, o que exige uma gestão eficiente dos custos de produção.

Por outro lado, ressalta-se que esses índices ainda estão abaixo do ideal para



Nota: Valores em R\$ de 2017, deflacionados pelo IGP-DI.

Micro na formulação, macro nos resultados

AGORA, GAMIT 360CS PARA A CANA É REATOR 360CS. ALTA EFICÁCIA NO PERÍODO SECO, MAIOR RESIDUAL COM BAIXA VOLATILIDADE, SELETIVIDADE E O MELHOR EFEITO GRAMINICIDA DO MERCADO ESTÃO ENTRE AS PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DO HERBICIDA



LEONARDO RUIZ

Alta eficácia no período seco é uma das características do Reator 360CS

Leonardo Ruiz

O princípio ativo clomazone chegou ao mercado canavieiro no ano de 1983 pelas mãos da FMC Agricultural Solutions, que lançava o her-

bicida Gamit 500EC num momento crítico para a cultura no país, que enfrentava altas infestações de gramíneas, sem que houvesse um produto adequado para o



manejo. As opções disponíveis na época eram limitadas e com baixa efetividade em plantas como capim-colonião, capim-colchão e brachiária, principais espécies infestantes na época.

Ao longo dos anos, a formulação passou por duas evoluções significativas acompanhando as mudanças do setor: Gamit Star, um pouco mais concentrado, e Gamit 360CS, herbicida microencapsulado que, para a cana-de-açúcar, passa a se chamar Reator 360CS.



O engenheiro agrônomo de desenvolvimento de mercado para a cultura canavieira da FMC, Leonardo Vitti Brusantin, explica que a mudança de nome ocorreu para privilegiar o mercado canavieiro com uma marca específica para a cultura. Uma ação que, segundo ele, demonstra a importância da cana-de-açúcar para a companhia. "O Reator 360CS apresenta as mesmas características técnicas do Gamit 360CS, entregando os mesmos resultados que já são amplamente conhecidos pelo mercado."

Excelente no controle de gramíneas, o Reator 360CS libera gradativamente seu ativo no solo, diminuindo as perdas por volatilização e aumentando sua disponibilidade. Conta ainda com ação complementar em folhas largas, como picão-preto, trapoeraba, guanxuma e corda-de-viola.

Formulação microencapsulada garante diversos benefícios para o agricultor

Uma das principais características do Reator 360CS é sua formulação microencapsulada. Tecnologia criada dentro dos laboratórios do Latin America Innovation Center, polo tecnológico construído pela FMC no município paulista de Campinas e que conta com equipamentos de última geração para o desenvolvimento de soluções inovadoras, seguras e eficientes para atender toda a América Latina.



Leonardo Brusantin: "Uma marca específica para a cultura demonstra a importância da cana-de-açúcar para a FMC"



No Innovation Center, cada cápsula de clomazone é acompanhada pelo microscópio. Objetivo é verificar tamanho e distribuição na calda

O professor associado 3, do Departamento de Produção Vegetal da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ) da Universidade de São Paulo (USP), Pedro Jacob Christoffoleti, explica que a grande vantagem de um produto microencapsulado é sua baixa volatilização, permitindo que a aplicação ocorra até mesmo em condições favoráveis de volatilização, sem que isso afete culturas vizinhas suscetíveis.

Este fato permite, ainda, que uma maior quantidade de princípio ativo chegue ao solo. Trabalhos científicos conduzidos junto a consultorias e universidades indicam que, quando utilizada uma formulação microencapsulada haverá, no mínimo, 15% a mais de produto atingindo o alvo.

Extremamente seletivo, o Reator 360CS possui alta eficácia no período seco, o que não seria possível caso o pro-

duto não fosse microencapsulado através da mais alta tecnologia. Quem explica é o consultor da Agrocon Assessoria Agrônômica LTDA, Marcelo Nicolai. Segundo ele, o simples ato de encapsular um produto não é a solução. São necessárias cápsulas de qualidade que durem durante toda a seca.

Nicolai afirma que a cápsula do Reator 360CS consegue durar por 180 dias sobre o solo ou palhada, atravessando todo

DIVULGAÇÃO FMC



Para Pedro Christoffoleti, a grande vantagem do Reator 360CS é sua baixa volatilização



Marcelo Nicolai: “É possível aplicar o Reator 360CS numa seca extrema, que se prolonga por meses, sem que haja perda de eficiência do produto”

o período de estiagem, protegido de fatores ambientais de degradação. “É possível aplicá-lo numa seca extrema, que se prolonga por meses, sem que haja perda de eficiência do produto, que se manterá intacto na área até o momento que ocorra alguma precipitação.”

Nos mais de 300 mil hectares do Grupo Usina Santa Terezinha, Reator 360cs é o principal herbicida utilizado

O Grupo Usina Santa Terezinha, detentor de 11 unidades produtoras nos estados do Paraná e Mato Grosso do Sul, é a maior processadora de cana-de-açúcar do Sul e uma das maiores do país, como uma produção de 15,6 milhões de toneladas. O principal herbicida aplicado nos mais de 300 mil hectares cultivados nas usinas do Grupo é o Reator 360CS, da FMC.

O supervisor de tratos culturais da Usina Santa Terezinha, Júlio César Meneguetti Junior, explica que o produto é amplamente utilizado em função de sua alta eficácia no período seco e amplo espectro de controle. Atualmente, brachiárias, capim-colchão e capim-colonião estão entre



DIVULGAÇÃO FMC

as daninhas mais problemáticas encontradas nos canaviais da empresa. “A principal vantagem do Reator 360CS é o fato de ele ser microencapsulado, ou seja, quando enfrentamos uma seca intensa e que perdura por várias semanas, perdemos menos por volatilização.”

O chefe de tratos culturais da Usina Santa Terezinha, Fernando Henrique Cape-



DIVULGAÇÃO FMC

Júlio César Meneguetti Junior: “O Reator 360CS é amplamente utilizado em função de sua alta eficácia no período seco e amplo espectro de controle”

PROGRAME-SE!

CONFIRA NOSSOS EVENTOS EM 2018



DIAS 21 E 22 DE MARÇO



DIAS 16 E 17 DE MAIO



DIAS 04 E 05 DE JULHO



DIAS 05 E 06 DE SETEMBRO



DIAS 17 E 18 DE OUTUBRO



DIAS 05 E 06 DE DEZEMBRO

PARTICIPE DOS EVENTOS DO GRUPO IDEA

Atualizar seus conhecimentos técnicos é uma das chaves para se alcançar bons resultados e altas produtividades agrícolas.

Os melhores eventos de atualização do setor sucroenergético.

www.ideaonline.com.br



(16) 99711- 4770



/grupoidea.cana



@grupoidea.cana



@GrupolIDEA



/grupoideacana

João Henrique Dias Perino: "O Reator 360CS é um excelente aliado no combate as plantas daninhas"



li de Alvarenga, também atesta a qualidade do produto. "Com o Reator 360CS, temos a garantia de que o controle na época seca será eficiente. Além disso, ele possui um excelente residual de até 120 dias, controlando as infestações até que a cana feche e seja iniciado o controle natural."



Uso do Reator 360cs na Usina São Luiz garante potencial produtivo e qualidade da produção

A cana-de-açúcar sofre constantemente com infestações de plantas daninhas. A falta de um manejo adequado pode representar perdas de 40% a 80%. Entre as espécies mais perigosas, destacam-se as gramíneas, como as brachiarias,

um problema que é cuidadosamente controlado nos 30 mil hectares da Usina São Luiz, localizada no município paulista de Ourinhos.

O supervisor agrícola da usina, João Henrique Dias Perino, percebeu que, com a introdução da colheita mecanizada a partir de 2010, houve um salto no número de infestações de plantas daninhas nos canaviais da empresa. "Não dá para fechar os olhos, pois as perdas serão exponenciais."

A solução encontrada pelo engenheiro agrônomo foi o herbicida Reator 360CS, da FMC. "Este produto é um excelente aliado no combate as plantas daninhas, garantindo o potencial produtivo e qualidade da produção."

Sua facilidade de uso no campo e alta seletividade estão as características que fazem o Reator 360CS reinar nos canaviais da empresa. "O ideal é aplicar o herbicida em pré-emergência, porém, quando ocorre algum escape, precisamos de um produto que possa ser utilizado o ano todo sem que haja problemas com fitotoxicidade. Essa é uma das garantias proporcionadas pela herbicida da FMC."

Canavial não fechou e abre espaço para as plantas daninhas

ESTIAGEM RETARDOU O CRESCIMENTO DA CANA, COM A CHEGADA DAS CHUVAS A MATOCOMPETIÇÃO SERÁ INTENSA. NO PERÍODO QUENTE E ÚMIDO, AS PLANTAS DANINHAS CRESCEM QUATRO VEZES MAIS RÁPIDO DO QUE A CANA



As chuvas chegaram, a cana não fechou a linha e lá vem o mato

Luciana Paiva e Leonardo Ruiz

Redução de safra tem sido a marca dos últimos anos no setor sucroenergético, o ciclo 2016/17 da região Centro-Sul fechou com 617 milhões de toneladas, a expectativa para a safra 2017/18 é que a produção seja de 601 milhões e para 2018/19 os primeiros dados apontam que o Centro-Sul não deve passar dos 585 milhões de toneladas de cana.

A estiagem ocorrida entre junho e fi-

nal de setembro é um dos motivos para a expectativa de menos casa na próxima safra. “A seca fragilizou a soqueira que está com dificuldade para brotar. Isso atrasou o desenvolvimento da cana que não fechou as linhas, facilitando o crescimento de plantas daninhas. O setor terá de aplicar mais herbicidas para controlar as daninhas”, diz Plínio Nastari, presidente da Consultoria Datagro, uma das empresas





A cana-de-açúcar como qualquer outra cultura tem sua produtividade reduzida pela presença de plantas daninhas durante o seu desenvolvimento

que apontam redução na safra 2018/19.

A cana-de-açúcar como qualquer outra cultura tem sua produtividade reduzida pela presença de plantas daninhas durante o seu desenvolvimento. Essas plantas podem competir por recursos limitantes do meio (principalmente água, luz e nutrientes), liberar substâncias alelopáticas e assim inibir a brotação da cana-de-açúcar, hospedar pragas e doenças comuns à cultura ou, ainda interferirem no rendimento da colheita. Além de reduzirem a quantidade e a qualidade da matéria-prima colhida, o número de cortes viáveis e aumentar os custos de produção.

O manejo das plantas daninhas na cana-de-açúcar se baseia na integração de medidas culturais, mecânicas e químicas. Nas medidas culturais destacam-se o manejo de variedades de alto perfilhamento e conseqüentemente sombreamento precoce do solo e redução do espaçamento

no manejo de plantas daninhas em pós-emergência.

Não dá mais para produzir cana sem o uso de herbicidas

O manejo químico é o principal método de controle das plantas daninhas nos canaviais. Dib Nunes Jr, presidente do Grupo IDEA, afirma que não é mais possível produzir cana sem o uso de herbicidas, em decorrência de um novo cenário: ausência do fogo, mecanização e a redução de mão de obra. "Antigamente, tínhamos multidões capinando as lavouras", relembra.

A área de controle de plantas daninhas, segundo Dib, é fundamental para o setor canavieiro, já que nenhum outro processo exige tanta observação e conhecimento quanto o controle de plantas daninhas, sendo que, quanto maior a lavoura, maiores serão os desafios e as dificuldades. "É uma atividade que não permite er-



Com o
Efeito Alion,
a sua atenção no
canavial é outra.

Alion[®]

Com a plataforma Alion de tratamento herbicida, é possível obter resultados superiores em redução do repasse ou até mesmo sua eliminação. Assim você pode destinar sua atenção para outras atividades.



CLIQUE AQUI

e conheça mais sobre o Efeito Alion na redução do repasse.

Alion. O mato some, seu trabalho aparece.



Se é Bayer, é bom

ATENÇÃO

Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO.
VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMICO.



Converse Bayer
0800 011 5560
conversebayer@bayer.com

www.agro.bayer.com.br

Faça o Manejo Integrado de Pragas

Descarte corretamente as embalagens e restos de produtos.

Uso exclusivamente agrícola.

ros, que podem custar caro. Somente no período quente e úmido, as plantas daninhas crescem quatro vezes mais rápido do que a cana.”

Dib explica que as plantas daninhas são tão agressivas devido às características de adaptabilidade e rusticidade. “Atualmente, temos espécies que se desenvolvem na sombra, como os cipós. Após a introdução da colheita mecanizada, novas espécies chegaram ao setor, mais adapta-

na cultura canieira para controlar essas plantas, por isso, precisamos saber como escolher o melhor produto e como aplicar, além de acompanhar a pós-aplicação. Não adianta aplicar um produto e virar as costas, pois a aplicação consiste apenas na metade do caminho. Temos de dar ênfase no acompanhamento da pós-aplicação. É dever dos profissionais acompanharem o efeito das medidas de controle, verificando o espectro de controle, o período



Atualmente, há espécies que se desenvolvem na sombra, como os cipós

das e muito mais agressivas. Hoje, em um ano, um pé de mamona vira árvore. Tudo isso, acaba exigindo cada vez mais qualidade dos serviços e produtos.”

Além disso, o Presidente do Grupo IDEA diz que as daninhas se desenvolvem numa enorme gama de solos, climas e latitudes, sendo que em cada condição, há uma forma de enfrentá-las. “Todos os anos são investidos milhões de reais somente

residual e suas interações entre a cultura, as plantas daninhas e o ambiente de produção. Dessa forma, os resultados obtidos irão direcionar os tratamentos futuros.”

Entre as práticas que poderiam ser adotadas visando evitar a disseminação e, conseqüentemente, diminuir o banco de sementes, Dib aponta lavar as máquinas agrícolas. “As máquinas disseminam sementes para todo o lado. Mas, quase nin-

guém lava o equipamento antes de mudá-lo de área, uma tática simples e que ajuda muito.”

Herbicidas mais eficientes e evolução na tecnologia de aplicação

Mas o consultor comenta que, se por um lado, aumentou a dificuldade no controle de plantas daninhas, por outro, as agroquímicas cada vez mais investem em herbicidas mais eficientes e os equipamentos de aplicação estão cada vez mais evoluídos. Os herbicidas, na sua maioria, utilizados para a cultura da cana-de-açúcar, são seletivos, devido a aspectos de absorção foliar e à degradação do herbicida absorvido pela planta cultivada, com o controle das plantas daninhas sem comprometer o desenvolvimento e produtividade da cultura.

Em linha com as observações de Dib, está o comentário de Paulo Donadoni, Gerente de Cultura Cana-de-Açúcar da Bayer CropScience. “O setor sucroenergético tem investido cada vez mais em tratamentos com resultados de controle superiores e vem vencendo o combate contra as plantas daninhas. Ferramentas para mapeamento de infestações, equipamentos com tecnologias de aplicação modernas e de aplicabilidade confiável no efeito de controle sobre a matocompetição estão cada vez mais acessíveis e adaptadas a realidade canavieira. Consultorias especia-

lizadas suportam as dúvidas dos produtores nas escolhas dos tratamentos bem como equipes técnicas dedicadas ao cultivo da Cana.”

Por parte das empresas fabricantes de herbicidas, como é o caso da Bayer, Donadoni salienta que todo esse suporte especializado tem melhorado em muito o resultado no combate ao mato nas lavouras de cana. “Mesmo em situações de elevada necessidade de residual, nosso por-



“Até 2019, outros três novos herbicidas da Bayer para Cana estarão disponíveis”, informa Donadoni

tfólio herbicida ao setor Canavieiro possui entregas precisas neste aspecto, com é o caso da tecnologia herbicida Alion. Atualmente a Bayer é a empresa que mais oferece ao setor inovações em herbicidas e até 2019, outros três novos herbicidas da Bayer para Cana estarão disponíveis, para oferecer na lavoura, entregas praticas importantes aos produtores canavieiros.”



Na época das chuvas, a cana vem que é uma beleza. Porém, quem nasce e cresce mais rápido que a cana são as plantas daninhas, uma vez que, durante o período úmido, as condições climáticas, tais como umidade, temperatura e luminosidade, são mais favoráveis, influenciando diretamente na germinação, desenvolvimento e crescimento.

Por isso, é justamente no período úmido que a cana precisa de mais ajuda para vencer a matocompetição. Estimativas apontam que, durante essa época, as plantas daninhas podem reduzir até 42% da produção de cana por hectare. Para ajudar o setor canavieiro a controlar as daninhas na época úmida, a FMC Agricultural Solutions lançou, em 2017, o herbicida Stone, que possui formulação exclusiva e amplo espectro de controle para as principais plantas daninhas, como Corda-de-Viola, Tiririca, Caruru, Capim-braquiária, Capim-marmelada, Capim-Carrapicho, Trapoeraba e Capim-pé-de-galinha.

Leonardo Brusantin, engenheiro agrônomo de desenvolvimento de mercado da FMC, explica que o Stone possui ação em pré e pós-emergência inicial para o controle de gramíneas, ciperáceas e folhas largas, eliminando toda a mato-competição e favorecendo o melhor potencial

A tecnologia de aplicação de herbicidas evolui cada vez mais



produtivo para cana-de-açúcar. O produto foi desenvolvido para aplicação em pré-emergência da cana, tanto para o plantio, cana-soca úmida e quebra lombo, oferecendo seletividade para a cultura em seu período de maior desenvolvimento.

O produto é composto pela associação de duas moléculas, que atuam de forma sinérgica para o melhor controle das plantas daninhas no período úmido e crítico para o canavial. Os diferenciais do produto são as duas moléculas que se complementam, conferindo maior distribuição no perfil do solo na época úmida. A baixa solubilidade de diuron e média de sulfentrazone conferem esta característica ao produto.

Resumindo, de acordo com Dib, durante todos os dias do ano, os profissionais do setor devem estar atentos para defender seus canaviais contra as plantas daninhas e ficarem abertos para o uso das melhores ferramentas que auxiliam a cana a vencer esta guerra.

MPB: viável para pequenos ou grandes?

MPB PLANTADO EM MEIOSI É O QUE SURGE COMO SOLUÇÃO CONCRETA NA LUTA PARA AUMENTAR OS GANHOS AGRÍCOLAS

¹Ana Palazzo e ²Hamilton Jordão

A cana-de-açúcar é uma cultura com soluções genuinamente brasileiras. Embora plantada em muitos outros países, a cana possui boa parte de sua tecnologia de plantio, variedades e maquinário desenvolvidos dentro do país. Apesar da expressividade da cultura - representa cerca de 10% do Valor Bruto da Produção (VBP) da agropecuária nacional - houve muitas dificuldades ao longo dos últimos anos. Seja por questões voltadas para o mercado interno ou externo, o fato é que os investimentos no campo e a produtividade dos canaviais ficaram bastante prejudicados.

Produzir com eficiência e custos reduzidos se tornou essencial. Atrair produtividade e controle de gastos é um desafio. Ambos os fatores precisam estar em sinergia, para que o negócio entre em um círculo virtuoso de gestão. Nesse sentido,



Muda pré-brotada (MPB) muda o ritmo na implantação de canaviais

a tecnologia de mudas pré-brotadas de cana (MPB) surgiu como promessa, para elevar a produtividade e longevidade da lavoura.

Com a introdução do sistema de Meiosi, a utilização do MPB foi viabilizada

Em média, os custos para implantação do canavial na região Centro-Sul podem superar os R\$ 7.000/ha, segundo o Pecege/Esalq-USP. No caso da utilização do MPB, esse valor pode ultrapassar R\$ 10.000/ha, a depender da variedade, manejo e espaçamento utilizados. Ou seja, é um investimento elevado. Em um cenário de contenção de gastos, como justificar a viabilidade da prática para pequenos e benefícios suficientes aos grandes produtores?

Com a introdução do sistema de Meiosi (Método Interrotacional Ocorrendo Simultaneamente), que consiste em intercalar lavouras, como soja e amendoim, com o canavial, a utilização do MPB foi viabilizada. Os custos logísticos foram reduzidos. Além disso, a Meiosi ainda gerou a possibilidade de renda extra com a colhei-



ta de grãos e ganho agrônômico relacionado com a melhora do ambiente de cultivo.

Para propriedades de menor porte, a desdobra manual das linhas plantadas na Meiosi, faz com que o investimento inicial seja diluído. Em média, canaviais bem implantados e tratados chegam a ter rendimento de 1:20 ou superior. Isso possibilita aumento da produtividade e da idade média da plantação, fatores cruciais para manter os pequenos negócios operando. Principalmente em um cenário de margens extremamente apertadas.

No caso de maiores escalas, a possibilidade de desdobra manual da Meiosi pode ser comprometida, seja pelo custo e/ou disponibilidade da mão de obra neces-

sária. Nesse caso, se torna mais forte a questão do volume de cana que deixa de ser utilizada no plantio e passa a se tornar recei-



Plantio mecanizado de MPB está em evolução

Em média, canaviais bem implantados e tratados chegam a ter rendimento de 1:20 ou superior

ta. Quanto maior a área onde o MPB é adotado, maior também será o aumento de toletes que seriam destinados a muda e passam a canavial comercial.

A tecnologia de plantio mecanizado existente no mercado hoje utiliza, em média, 18 ton/ha de cana para plantio. Com o uso do MPB, essa cana pode gerar, em uma estimativa conservadora, mais de R\$ 1,4 mil/ha* de economia no custo do plantio. Esse é só um exemplo de quantificação dos benefícios trazidos.

Tanto a Meiosi quanto o MPB não



são tecnologias novas no mercado. Mas são ferramentas que juntas demonstram enorme potencial de agregar produtividade aos canaviais - pela utilização de mudas com alta sanidade e adoção acelerada de variedades mais modernas - e redução de custos de plantio, tanto para pequenos, quanto para grandes produtores.

Nos próximos anos, certamente, novas tecnologias estarão disponíveis, como a cana semente, novas plantadoras e outras. Mas o MPB, plantado como a Meiosi, é o que surge como solução concreta na luta para aumentar os ganhos agrícolas.

***Dados utilizados na estimativa- safra 17/18:**

Valor ATR acumulado: R\$ 0,5710/kg ATR. Fonte: Conselho dos Produtores de Cana-de-Açúcar, Açúcar e Etanol do Estado de São Paulo (Consecana)

ATR médio Centro-Sul: 136,18 kg ATR/ton de cana. Fonte: União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica)

Produtividade média Centro-Sul: 78,27 ton/ha. Fonte: Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA)

Produtividade média Centro-Sul: 78,27 ton/ha. Fonte: Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA)



Ana Palazzo - Eng. Agrônoma formada pela Universidade Federal de Viçosa (UFV)
ana_c_palazzo@hotmail.com



Hamilton Jordão - Mestre em Biologia Molecular pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)
jordaojunior@gmail.com



Novo programa de manejo para maturação eleva a qualidade e a produtividade do canavial, indicam pesquisas

PESQUISADOR LIDERA EXPERIMENTOS QUE PROPÕEM UMA NOVA TÉCNICA DE MANEJO PARA A MATURAÇÃO DE CANA-DE-AÇÚCAR, APOIADA NO PROGRAMA MOVER®, DA STOLLER E NO MATURADOR CURAVIAL®, DA DUPONT; GANHO MÉDIO DE PRODUTIVIDADE É DE 10,8 TONELADAS DE CANA POR HECTARE E RETORNO FINANCEIRO DE R\$ 1.150/HÁ



O manejo integrado do maturador Curavial® e o Programa Mover®. Resultado: ganho de mais 10,8 toneladas de cana por hectare e de mais 9,5 kg de ATR por tonelada de cana

Professor e pesquisador da Unesp de Botucatu (SP), o engenheiro agrônomo Carlos Alexandre Costa Crusciol deu um passo importante para derrubar o mito de que maturadores para a cana-de-açúcar, por paralisarem o crescimento da cana, interferem negativamente na produtividade da cultura, ainda que resultem em expressivos aumentos de ATR.

Durante um ano, ele pesquisou o manejo integrado do maturador Curavial® e o Programa Mover®. Resultado: ganho de mais 10,8 toneladas de cana por hectare e de mais 9,5 kg de ATR por tonelada de cana.

Os estudos do professor tiveram início no final de 2016 e prosseguirão por mais dois anos, em áreas de lavouras pertencentes a cinco grandes empresas do

setor sucroenergético. Segundo Crusciol, a pesquisa foi baseada em aplicações intercaladas do programa Mover®, da Stoller do Brasil, e do maturador Curavial®, produto da DuPont Brasil Proteção de Cultivos.

De acordo com o cientista, o retorno financeiro líquido obtido após a conclusão da primeira etapa dos ensaios, descontados os custos operacionais e a aquisição dos produtos, entre outros, chegou a R\$ 1.150 por hectare.

Para as duas empresas que apoiaram a pesquisa, o resultado do trabalho de autoria do acadêmico é altamente relevante ao setor sucroenergético.

“Significa mais cana e mais açúcar na safra, uma meta que as unidades produtoras de açúcar, etanol e energia perseguem obstinadamente, sobretudo nos ciclos de retração como o que atravessamos, em que o aumento da produtividade é estratégica à competitividade do setor”, resume Manoel Pedrosa, gerente de marketing da DuPont Brasil Proteção de Cultivos.

Roberto Risolia, gerente de marketing da Stoller do Brasil, ressalta os benefícios gerados pelo manejo desses produtos e entende que os resultados da pesquisa desenvolvida pelo pesquisador respaldam a importância da inovação na busca de soluções para o crescimento da agricultura. “Trata-se de um conceito que deverá ser absorvido rapidamente, pois eleva a qualidade da matéria-prima e impacta no de-

sempenho agrícola e industrial das usinas”, diz o executivo.

Os dois executivos destacam ainda o conjunto de benefícios transferido ao setor sucroenergético pelo Programa Mover® + Curavial®, segundo indicam as pesquisas do professor Crusciol, sobretudo expressivos ganhos de ATR e a elevação da produtividade com alta velocidade de resposta.

Segundo a Stoller, o programa Mover®, formado pelos produtos Stimulate® e Mover®, atua na fisiologia da planta e auxilia na obtenção de ganhos de produtividade e de ATR. Tais insumos são também empregados com sucesso em diferentes culturas do agronegócio brasileiro, como hortifrútiis, soja, milho, feijão, arroz e trigo.

Já a DuPont informa que o maturador Curavial® constitui uma ferramenta de suporte ao gerenciamento da colheita nas usinas. Segundo a empresa, o produto é um dos reguladores de crescimento mais empregados no Brasil com o objetivo de elevar a quantidade de ATR da cana, permitindo antecipar a colheita de variedades precoces, cana média ou tardia, entre outras.

As duas empresas acrescentam que firmaram um acordo de cooperação técnica com o objetivo de facilitar o acesso do mercado à tecnologia integrada do programa Mover® + Curavial®.

Mais informações: www.dupont-agricola.com.br e www.stoller.com.br.

DuPont Proteção de Cultivos/Brasil Stoller do Brasil Ltda





Rose Guerra se rende ao “ofício” de ajudar a transformar vidas

TRABALHO NA ÁREA DE RESPONSABILIDADE SOCIAL DE USINA
CAUSA IMPACTO POSITIVO E GERA APRENDIZADO SEM MEDIDA



Rose em premiação do projeto Atletas do Futuro

Renato Anselmi

Fotos: Divulgação São José da Estiva

A atuação de unidades e grupos sucroenergéticos na área de responsabilidade social tem mudado a vida de pessoas, famílias e comunidades. Este trabalho é digno de elogios e reconhecimento – afirma Rosmarli Guerra, supervisora de Eventos, Comunicação e Responsabilidade Social da Usina São José da

Estiva, de Novo Horizonte, SP.

“Acredito que há muito ainda a se fazer. Mas, essa área teve um grande avanço nas duas últimas décadas”, afirma Rose Guerra, como é mais conhecida, que tem “autoridade” e conhecimento para falar sobre o assunto. Afinal, há vinte anos atua no setor de responsabilidade social

Vem aí o...



O setor sucroenergético na visão das mulheres

O Encontro Cana Substantivo Feminino debate ações para aumentar a presença feminina no mundo da cana-de-açúcar e também abre espaço para as mulheres expressarem suas sugestões e experiências para o desenvolvimento sustentável do setor.

O Encontro Cana Substantivo Feminino já se tornou tradição no setor, é o palco onde desfilam proprietárias de usinas, diretoras, superintendentes, gerentes, coordenadoras, engenheiras, administradoras de empresa, assistentes sociais, psicólogas, pesquisadoras, professoras, jornalista,



As mulheres invadem o Centro de Cana do IAC

estudantes, operadoras de máquinas agrícolas, de colhedoras de cana, motorista de rodotrem, profissionais de venda, enfim, mulheres que atuam na agroindústria sucroenergética e no agronegócio.



O VI Encontro Cana Substantivo Feminino, realizado em março de 2017, contou com a participação de 337 profissionais, provenientes de cinco estados e 27 cidades



O Encontro Cana Substantivo Feminino reúne conhecimento, eficiência e muito charme

Não perca o VII Encontro Cana Substantivo Feminino!

22 de março de 2018 no Centro de Cana do IAC em Ribeirão Preto, SP

Inscrições Grátis, mas limitadas!

www.canasubstantivofeminino.com.br

REALIZAÇÃO:

CanaOnline®


Paiva & Baldin
EDITORA



Projeto Era Uma Vez Europa 2011 - Em Valência - Espanha

da Usina Estiva, exercendo o cargo de supervisora há cinco anos,

As ações sociais, culturais, educacionais têm causado imenso impacto, transformando a vida de muitas pessoas, incluindo a de profissionais que estão envolvidos com essas atividades – revela. “Tudo o que realizamos, em todos estes anos, tem como resultado um profundo crescimento pessoal e um aprendizado sem medida que vou levar para a vida toda”, enfatiza.

Diversos fatos e momentos marcaram inclusive, de forma especial, a trajetória profissional de Rose Guerra no desenvolvimento do seu trabalho na área de responsabilidade social. Ela lembra que teve a oportunidade de testemunhar a dedicação e o profissionalismo de cortadores de cana, quando passou a visitar as lavouras, em um momento que a colheita mecanizada era algo distante da realidade do setor sucroenergético.

“Ao estar mais próxima destas pessoas, pude ver quem eram e como desempenhavam seu trabalho e, muitas ve-



Abertura campeonato interno Escolinha de Futebol Usina Estiva

zes, traziam contribuições valiosas que promoveram melhorias no dia a dia da empresa”, relata.

Outra experiência relevante no trabalho de Rose Guerra ocorreu quando a empresa implantou o projeto de alfabetização para seus colaboradores, também estendido à comunidade. “Pude ver o encantamento de quem aprendia a ler e escrever”, afirma.

Uma destas pessoas falou uma frase que foi marcante para ela: “Eu era cego e não sabia”. O relato, comovente, a fez pensar “no quanto éramos afortunados por poder proporcionar esta conquista para pessoas tão simples” – diz.

Este aluno do projeto de alfabetização contou que passou a demorar mais tempo para percorrer seus trajetos, pois parava para ler placas, anúncios e o que tivesse pela frente. Ele também se orgulhava

de poder discutir algumas questões com sua filha, pois já não era um analfabeto.

“Tudo isso me abriu os olhos para uma série de pensamentos e conclusões sobre a importância de algo que julgávamos tão simples: a ação de uma empresa – e sua equipe – e os efeitos para a comunidade, onde ela está inserida, e para seu público mais imediato”, comenta.

Este trabalho pode ser comparado a ondas que se propagam em outras cada vez maiores – observa. “O que fazemos também reverbera e se propaga em ondas que vão além do que imaginamos”, diz.

DESEMPENHO ESCOLAR - O “ofício” de quem ajuda a transformar vidas é gratificante. “As ações internas são multiplicadas nas famílias e, por consequência, na comunidade. Em todos os projetos que realizamos com a comunidade que, em tese, se dirigem ao público externo, há fi-



Projeto Lance Livre - entrega de lacres de latinhas para o Hospital de Amor (Câncer de Barretos)





lhos de nossos colaboradores envolvidos”, constata.

Os trabalhos na área de educação, realizados pela usina, contribuem para o bom desempenho escolar de Novo Horizonte, que obtém resultados muito positivos no Índice de Desenvolvimento de Educação Básica - IDEB. Além disso, a atuação da Usina Estiva é citada em palestras e eventos. “Isso nos enche de alegria e sentimento do dever cumprido”, comemora.

Entre as ações da São José da Estiva na área educacional, um dos destaques é o “Era Uma Vez...”, que utiliza recursos próprios e incentivados – por meio da Lei Rouanet –, com três edições já realizadas. Este



Campanha Natal Feliz

projeto leva estudantes de escolas públicas do município para uma viagem internacional de intercâmbio e conhecimento.

Outra iniciativa da usina é o “Meu



Projeto meu 1° Voo Cultural



Vender estes carrões é fácil, ainda mais com um site deste.



RGB Comunicação conquista **prata** no **Fest Digital 2017** na **categoria site institucional**. O concurso é organizado pela **APP** e tem em seu júri técnico as referências nacionais da publicidade. Este ano foi 100%. 1 inscrição e 1 prêmio. Prometemos voltar com muito mais em 2018.





1º Voo Cultural – O Olhar do Interior para São Paulo através dos Museus”. Mais recente, este projeto já possibilitou que mais de 100 jovens, estudantes de escolas públicas, moradores da zona rural, pudessem viajar de avião e contextualizar suas aulas de história e artes na capital paulista – informa.

Um trabalho já finalizado, que teve o suporte da Estiva, foi a transformação do antigo Mercado Municipal de Novo Horizonte – conta Rose Guerra. “O prédio antigo, no centro da cidade, estava se deteriorando, praticamente sem função. Hoje funciona no local o Centro Cultural Gino de Biasi Filho, um espaço totalmente versátil e equipado para abrigar as mais di-



Encerramento e premiação Campeonato Interno Escolinha de Futebol Usina Estiva

versas manifestações artísticas e culturais de Novo Horizonte, sem falar nos cursos e oficinas oferecidos gratuitamente à comunidade, boa parte também patrocinada



Outubro Rosa - 2017 - Palestra com rurícolas

pela usina”, detalha.

A lista de ações e projetos dessa unidade sucroenergética, ligados às áreas cultural, educacional e social, é extensa. Há também os eventos em comemoração a diversas datas: “A Festa Junina, que é realizada há 23 anos, recebe cerca de 4 mil pessoas, entre colaboradores e seus familiares; o Presente de Natal oferece pre-

que se cumpram os compromissos que a empresa tem como prioritários, especialmente nas áreas econômica, social e ambiental, que compõem o tripé da sustentabilidade”, afirma Rose Guerra. A Usina Estiva tem inclusive um relacionamento intenso com a comunidade – observa.

Bastante dinâmica, a área de responsabilidade social tem ainda um envolvi-



Visita de Educadores Espírito Santo e Rio de Janeiro - conhecendo parceria Usina e Município por uma Educação melhor

sentes aos filhos de colaboradores de até 12 anos; o projeto Atletas do Futuro, que já tem quase 20 anos, treina mais de 110 atletas anualmente, e o Dia Internacional da Mulher prepara eventos com conteúdo e entretenimento para as mulheres da empresa”, exemplifica.

PAPEL DA MULHER - “O setor de responsabilidade social é estratégico para

mento constante com outros setores da empresa. “Somos chamados também a participar das atividades que são realizadas por outros departamentos”, diz.

É cada vez mais ampla a atuação do setor sucroenergético na área de responsabilidade social – ressalta. “Conheço várias empresas que, assim como a Usina Estiva, promovem, apoiam ou patrocinam





Pedalar é uma de suas paixões: aqui em companhia do marido Arnaldo Guerra

ações de sucesso e grande impacto nas comunidades onde estão inseridas”, constata.

Na avaliação de Rose Guerra, a mulher tem um papel preponderante nestes avanços. “A sensibilidade feminina, a visão global das coisas e os efeitos que estas ações podem provocar são grandes responsáveis pelo notório crescimento da participação das usinas nesta área. Sou feliz por fazer parte desta transformação”, enfatiza.

A supervisora da área de responsabilidade social da Usina Estiva vai relatar inclusive a sua experiência, nesta atividade, participando como debatedora no painel “A cana transforma vidas” no VII Encontro Cana Substantivo Feminino, que acontece em 20 de março.

FAMÍLIA E HOBBY - Dedicada e comprometida com o trabalho, Rose Guerra lidera também as ações de comunicação interna e institucional da empresa. “O nosso setor pensa e executa campanhas voltadas ao público interno e, muitas vezes, externo”, afirma. Além disso, acolhe, fomenta e realiza projetos sociais, esportivos, educacionais e culturais, de forma direta ou por meio das leis de incentivo – explica.

Toda a trajetória profissional de Rose



Guerra está ligada à Usina Estiva, onde começou a trabalhar há 36 anos. “Meu primeiro cargo foi como recepcionista, depois passei a trabalhar como auxiliar de farmácia e em seguida fui para a área de Recursos Humanos, onde desenvolvi diversas funções, entre as quais, a de analista e encarregada”, conta.

Neste período, ela não descuidou da sua formação. Além das graduações em Educação Física (Bacharelado), Psicologia e Letras, possui pós-graduação em Recursos Humanos e Psicanálise.

“Sempre considerei o aprendizado perene como algo importante. É necessário conhecer, aprender, aprimorar. Isso é imprescindível, não importa o tempo que estamos numa empresa ou o que queremos no nosso futuro. Parar não é aceitável”, ressalta.

Para Rose Guerra, tão importante quanto o aprendizado, está o convívio com a família e amigos. “Hoje tenho o ciclismo como hobby, algo que me faz muito bem e me permite testar novos limites pessoais”, afirma.

A CanaOnline® deseja a todos um 2018 renovável!

Que a esperança, a boa vontade, o amor, a paz, a saúde, a felicidade, a vida, sejam renovados no ano que se inicia.

Que a renovação se espalhe e impulsione o setor sucroenergético.

Seja bem-vindo 2018!

Seja Bem-vindo RenovaBio



RenovaBio
Biocombustíveis 2030